

VOX

ANO 01 _ NUMERO 01

Originals

Conto que
ganhou o
Concurso Josué
Guimarães

Um poema
inédito de
Escobar
Nogueira

Três minicontos
de três
especialistas no
gênero

Moacyr Scliar

A harmonia entre
a palavra escrita e
a vida real

Mary Selia





EXPEDIENTE

GOVERNO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL
SECRETARIA DA CULTURA
INSTITUTO ESTADUAL DO LIVRO
COMPANHIA RIO-GRANDENSE DE ARTES GRÁFICAS

VOX é uma revista cultural publicada pelo Instituto Estadual do Livro (IEL) e a Companhia Rio-grandense de Artes Gráficas (Corag) vox.ielrs@gmail.com

EDITOR E JORNALISTA RESPONSÁVEL Tailor Diniz/Reg. Prof. 4.912

CONSELHO EDITORIAL Clarissa Pont, Débora Peters, Denize Pereira, Jéferson Assunção, Laís Chaffe, Luiz Antonio de Assis Brasil, Maria Emília Portella, Ricardo Silvestrin, Vera Spolidoro, Tailor Diniz.

PROJETO GRÁFICO / EDITORAÇÃO ELETRÔNICA Instituto Naumild Inventos e Eventos / DESIGNER RESPONSÁVEL Jackson Brum

REVISÃO Elisa Henkin e Susana Guindani

COLABORADORES Ana Mello, Beto Scliar, Carla Vendramin, Carlos Nejar, Cíntia Moscovich, Daniela Langer, Escobar Nogueira, Fernando Neubarth, João Ângelo Salvadori, João Goulart de Souza Gomes, Leila Teixeira, Leonardo Brasiliense, Marcelo Frizon, Marcelo Spalding, Maria Carpi, Maria Eunice Moreira, Regina Zilberman, Paulo Gomes, Pedro Brum Santos, Priscila Pasko, Ricardo Silvestrin, Rubem Penz, Suzel Neubarth, Walter Galvani

Instituto Estadual do Livro (IEL)
Rua André Puente, 318
CEP 90035-150
Porto Alegre-RS
Fones (51) 33117311/ 33117299 / 32684911
iel@sedac.rs.gov.br
ielrs.blogspot.com

Companhia Rio-grandense de Artes Gráficas (Corag)
Av. Cel Aparício Borges, 2199
CEP 90680-570
Porto Alegre-RS
Fone (51) 32889700
corag@corag.com.br
www.corag.com.br

Apoio:
 Companhia Rio-grandense
de Artes Gráficas

IMPRESA OFICIAL DO ESTADO



Secretaria da Cultura



Ao Leitor

Esta edição marca o retorno da Revista VOX, publicação que circulou no Rio Grande do Sul entre os anos 2000 e 2004 – e que abriu espaço não apenas para a matéria literária, mas também para as questões da cultura de uma forma geral, para o debate de ideias e o livre exercício da opinião. Para marcar esse retorno, não poderíamos nos ocupar de outro tema que não uma homenagem a Moacyr Scliar, um escritor de reconhecimento internacional, que sempre dispensou atenção e respeito ao Instituto Estadual do Livro e que foi cronista da VOX.

Ex-diretores e funcionários são unânimes em lembrar a alegria com que ele recebia os muitos convites para eventos organizados pelo IEL, em especial do Autor Presente, projeto do qual foi um dos fundadores e talvez o mais entusiasmado propagador. Scliar estava sempre disponível para o projeto, fosse onde fosse, em uma escola dentro de Porto Alegre ou em uma cidade das mais distantes do interior do Estado.

Procuramos destacar suas mais variadas faces: a do incentivador, do médico preocupado com as questões da saúde pública, do escritor que transitava em vários gêneros literários, a do cidadão exigente, do homem generoso que sabia usar o humor como poucos, de sua capacidade para fazer graça de si próprio e de seu povo e do acadêmico lembrado pelos colegas da ABL como um homem gentil e dedicado. Para fazer essa abordagem sobre a vida de Moacyr Scliar, chamamos para escrever sobre ele intelectuais de diferentes áreas, que, de uma forma ou de outra, conheceram sua obra e seu jeito de se relacionar com o público e com os amigos.

Não deixa de ser também uma homenagem a Scliar, notoriamente um incentivador de novos autores, a seção que será um dos principais focos da revista VOX, e que nesta edição já revela a linha a ser seguida daqui para frente: a seção “Originais”, na qual haverá sempre um destacado espaço para a publicação de textos inéditos de novos autores. Esta seção fixa e de abrangência terá por objetivo dar oportunidade ao público de conhecer aquilo que é – com qualidade – produzido atualmente no Rio Grande do Sul.

No mais, a pretensão da VOX, nesta nova fase, é ser uma revista que privilegiará a leitura, que terá como meta trazer à luz aquilo que for possível da nossa vasta produção ficcional contemporânea e incentivar a discussão de diferentes ideias, tendo como foco principal a literatura.

Outubro de 2011

9
UM INVENTOR DE PERSONAGENS QUE A ETERNIDADE GANHOU
CARLOS NEJAR

10
O SÉRIO CASO DO RISO EM SCLiar
CÍNTIA MOSCOVICH

14
A JANELA PELA QUAL A LITERATURA CONTEMPLA O COTIDIANO
RUBEM PENZ

16
DUAS CORDIAIS E ÍNTEGRAS METADES
FERNANDO NEUBARTH

19
OS LEÕES
MOACYR SCLiar

20
O PRIMEIRO PASSO DE UM IMORTAL
PRISCILA PASKO

22
O SILÊNCIO DA CRÍTICA COMO RECEPÇÃO À PRIMEIRA OBRA
TAILOR DINIZ

24
A CRÍTICA SOCIAL NOS CONTOS DE MOACYR SCLiar
REGINA ZILBERMAN

27
TREM FANTASMA
MOACYR SCLiar

28
DA JANELA, OLHANDO O COTIDIANO
WALTER GALVANI

30
PAPÉIS DO OFÍCIO
MARIA EUNICE MOREIRA

32
UM AUTOR PARA TODA VIDA
MARCELO FRIZON

37
SCLiar, O INVISÍVEL
RICARDO SILVESTRIN

38
LIÇÕES DE VIDA E ARTE: EU VOS ABRAÇO, MILHÕES
PEDRO BRUM SANTOS

42
PRATELEIRA

44
PARA QUE SERVE UM MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA?
PAULO GOMES

46
POR UMA PRÁTICA DE DANÇA ACESSÍVEL
CARLA VENDRAMIN

50
PROGRAMAÇÃO

ORIGINAIS

52
A INVASÃO BÁRBARA EM PARIS
JOÃO GOULART DE SOUZA GOMES

54
POEMA 23
MARIA CARPI

55
DOTRINA DOS CICLOS
LEILA DE SOUZA TEIXEIRA

60
PAISAGEM PARA PAVESE
ESCOBAR NOGUEIRA

62
BANHO
DANIELA LANGER

63
MINICONTOS

64
POEMA DE
JOÃO ANGELO SALVADORI

“ Numa época fui muito crítico em relação à Academia, sobretudo quando Mário Quintana não foi eleito. Depois, meu conceito mudou, sobretudo porque gente da minha geração literária, pessoas que eu respeitava muito, entrou para a Academia.”

Moacyr Scliar



UM INVENTOR DE PERSONAGENS QUE A ETERNIDADE GANHOU

CARLOS NEJAR

ESCRITOR E MEMBRO DA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS E DA ACADEMIA BRASILEIRA DE FILOSOFIA.

O que Erico Verissimo representou para a literatura gaúcha no romance épico, Moacyr Scliar representou no plano mágico, ficcionista capaz de arrancar o fantástico em centelhas, às vezes até do aborrecido cotidiano. Primavera pela memória da imaginação. Dentro de uma perspectiva muito singular, carregou sua criação de humor ferino, doído, às vezes hilariante, como se o tivesse buscado de ancestrais, nas raízes mais fundas do ser judeu, seguindo a linha hebraica dos grandes escritores contemporâneos. Estilo peculiar, direto de ver o mundo, irmão de Kafka, catalogou suas metamorfoses, extraíndo sempre o precioso, o inesperado, o escondido grito das coisas. Prêmio Jabuti várias vezes, Casa de las Américas de Cuba, um dos autores mais traduzidos no exterior, colocou *O centauro no jardim* entre os cem maiores livros judaicos em duzentos anos de literatura no mundo.

Tive a honra de saudá-lo, quando de sua entrada na Casa de Machado, em outubro de 2003, e um de seus pedidos, pois se pautava na simplicidade, foi o de que não me alongasse fora desse princípio. E lhe respondi que diante de sua obra complexa, seria o mais simples que pudesse, ainda que buscasse o milagre. Autor de obras-primas – *O exército de um homem só*, *O centauro no jardim*, *O carnaval dos animais*, *Eu vos abraço, milhões* (sua despedida), era cordial, franco, cuidadoso e gentil no falar, no comer, frugal durante o chá da Academia, dando-me sempre notícias novas do pampa, onde residia e nunca abandonou, apesar da sua atividade impressionante, entre conferências e mesas-redondas no país e nos Estados Unidos, ou na Europa. Brincava comigo nas conversas, nas dedicatórias, gestos, cartas, conferências em que partilhávamos o espaço. Pois viemos

do mesmo pampa, viemos da mesma infância, quando morei no bairro do Bom Fim. Reli o que escreveu no pátio de alguns livros seus, em letra clara, diferente de tantos colegas médicos, que imitavam a escrita egípcia que Champollion teve que decifrar: senti a cordial delicadeza, a capacidade difícil de admirar. Tudo o que era da Academia, tinha seu particular interesse. Também o que era do Rio Grande. Preocupava-se com a saúde dos confrades. O que Carlos Heitor Cony lembrou numa crônica pungente. Em sessão da Casa de Machado, advertiu sobre a importância da vacina contra a gripe. Inventivo, solidário, humaníssimo, jamais fugindo do encontro com os leitores. Além de haver guardado o sortilégio de viver e também morrer na terra do Rio Grande. De viagem em viagem, como um Ashaverus eroso, com palavra cativante, mostrava, em vez das palestras eruditas, sua arte esplêndida de contador de histórias que a todos emocionava. Mas foi a eternidade, sim, que ganhou este proceloso inventor de personagens, este privilegiado contador de histórias, que será aproveitado de uma nuvem a outra, como no seu conto “Navio fantasma”, a andar no espesso nevoeiro, até chegar em Casa. Repito o que disse sobre ele na minha *História da Literatura Brasileira* (Ed. Leya, SP, 2ª ed.): “Moacyr Scliar, com sua palavra humana, simples, ágil, plasmou uma revolução pessoal na ficção contemporânea, de dentro para fora. Pousando a imaginação transfiguradora nos aspectos sutis, atônitos ou astuciosos dos seres e do mundo, na descoberta de frestas da alma humana, que lhe são peculiares. Sua obra é a história do homem, que, acordado para dentro, de repente se ilumina”.

O SÉRIO CASO DO RISO EM SCLIA

CÍNTIA MOSCOVICH
ESCRITORA



“ Foi difícil conciliar saúde pública e literatura. Muitas vezes pensava em fazer só literatura, mas não fiz e não me arrependo. O escritor tem que ter outra vinculação com a vida, que não seja só a palavra escrita. Acho que é muito bom também para as pessoas em geral, não só para os escritores, que conheçam um pouco a vida.”

Moacyr Scliar

Certa feita perguntaram a Isaac Stern por que ele havia escolhido o violino como instrumento. O músico, que chegou aos Estados Unidos aos 10 meses de idade – a família fugindo da Guerra Civil na Rússia de 1920 –, não titubeou ao responder: “Em caso de *pogrom* o violino é bem mais fácil de carregar do que o piano”.

Essa resposta explica, ao menos em parte, por que o povo judeu deu ao mundo tantos e tão talentosos violinistas. Por outro lado, a resposta de Stern reafirma outra tradição entre os judeus, a de fazer graça com aquilo que, no entanto, é matéria de sofrimento.

Também descendente de imigrantes judeus que abandonaram a Bessarábia em 1904, Moacyr Jaime Scliar foi criado no Bom Fim, em Porto Alegre, numa casa em que, para chegar à cozinha, tinha de passar por dentro do quarto dos pais. Fascinado pelas histórias da imigração e da colônia, criado por seu José e dona Sara (grande mãe judia), Scliar herdou de sua gente esse jeito meio oblíquo e até gracioso, uma

reação de tiradas rápidas e que, para o bem e para o mal, se funda na afetividade.

O humor judaico, em suma. Mas o que é, afinal, o humor judaico?

O “humor judaico” tornado instituição firme e estabelecida é um fato relativamente recente na história dos judeus. Esse tipo de humor autodepreciativo e cujo ponto de partida é o ridículo inevitável de cada um, também, de lambuja, deprecia o inimigo, aquele que geralmente se acha muito sério ou muito forte ou muito importante, mas não entende a sutileza de algumas manobras de espírito. Prosperou nas pequenas aldeias da Europa Oriental em fins do século 18 e início do século 19, com a chamada Hascalá (ou “Tempo das Luzes”), época de desenvolvimento intelectual que se iniciou com autores que escreviam em iídiche, a língua da diáspora.

Até àquela altura, a instrução vindo apenas dos estudos talmúdicos, as histórias tinham entretidos moralizantes, marcados por um sentido muito severo de justiça. O riso era subterrâneo



e reprimido, uma categoria da existência considerada menos nobre, mundano demais para ser incorporado à literatura. Por séculos, os judeus reservaram o humor para empurrar os dias, sem saber que cevavam uma disciplina que lhes garantiria a sobrevivência e a posteridade.

Nos *shtetls*, as pequenas aldeias europeias, os chistes, as blagues, os aforismos cumpriam o papel de verdadeira arma e escudo, alívio no medo e na insegurança. O riso brotava da necessidade de tornar o inimigo humano e igual. Circulando de *shtetl* em *shtetl* as expressões do refinamento de raciocínio exigido pelo humor alentavam uma tradição oral nunca menos que estupenda.

No último quartel do século 18, no entanto, o acervo afetivo-humorístico passa a ser instrumento literário. Tocava deixar de lado a autocomiseração, o sofrimento e os ensinamentos e ganhar ânimo e espírito. Cidadãos de segunda classe onde quer que fossem dentro do império czarista, proibidos de possuir terras e de exercer determinadas profissões, os judeus perpetuaram as virtudes de rir mais e mais de si mesmos, como se denunciar antecipadamente a condição de miséria ou de ridículo subtraísse ao oponente a oportunidade de impor humilhação.

Com Scholem Aleichem, nome adotado pelo escritor ucraniano Solomon Rabinovich (saudação que se traduz por “A paz esteja convosco”), o riso popular consagra-se gêmeo da literatura e ganha sua feição definitiva. Não é um humor grosseiro ou escrachado, muito menos um humor de ambiguidades e de trocadilhos e, menos ainda, um humor marcado pela força ou insistência.

Médico por vocação, intelectual que se formou pelo amor à leitura, apaixonado por aforismos e citações, Scliar se interessava pelas teorias e pelo funcionamento do humor – e da falta dele, como em *Saturno nos trópicos*, livro que custou anos de pesquisa sobre a melancolia em solo brasileiro.

Em entrevistas sobre o tema, dizia que o humor judaico tinha a capacidade de neutralizar uma realidade trágica, funcionando como mecanismo de defesa. Neste sentido, o gracejo ou a piada se constituiriam como peças de uma espécie de “humor do absurdo”, intelectualizado na sofisticação e tendendo ao nonsense. Por outro lado, Scliar apontava que o humor entre os judeus tem a intenção de manter o grupo coeso, dedicando-se a mostrar o que é especial em “nós” e que se contrapõe a “eles”. Isso explicaria porque uma anedota sobre judeus, inventada por judeus, mas contada por não-judeus, não raro é considerada antissemita.

Com a chegada dos imigrantes da Europa Oriental aos Estados Unidos, o humor judaico ganhou as terras do novo mundo. Do *vaudeville* aos maiores estúdios de Hollywood, a lista de patrícios que participam de produções em todos os postos é impressionante. Os humoristas judeus tornam-se populares: Jerry Lewis, Mel Brooks, Gene Wilder, irmãos Marx, Woody Allen.

Com a rápida ascensão dos judeus no *showbiz* americano, o humor também se modifica. Na literatura, surgem autores como Isaac B. Singer, passando por Wallace Markfield, Philip Roth, Paul Auster, chegando a sucessos televisivos, caso de David Letterman, e o seriado *Seinfeld*. Ao mesmo tempo, a imagem que têm os judeus

deles mesmos também se renova, embora nunca em essência – há uma espécie atávica de culpa que parece feita sob medida para a diversão.

Nos Estados Unidos, o novíssimo caráter judaico liga-se bastante ao tecido social – no inglês americano já se consagraram termos em iídiche. No Brasil, que não conheceu esse *boom* midiático-cultural – embora no eixo Rio–São Paulo a oferta de espetáculos seja grande e haja bom número de atores, diretores e produtores judeus em atuação –, custa criar-se tradição cultural ou artística. No Rio Grande do Sul, último estado da federação a ser, digamos, civilizado, não houve ainda sequer tempo para a devida valorização dos talentos individuais nas diferentes áreas de criação e atuação (com óbvias exceções, é claro).

Quando Scliar começou sua carreira como escritor, no final dos anos 60, somente dois outros autores judeus haviam surgido nas letras nacionais. Samuel Rawet, que publicou a partir de 1956, tinha uma relação muito ambígua com o judaísmo. Clarice Lispector, que estreou em 1943, nunca manifestou apego tampouco desapego aos temas judaicos, embora se possa dizer que sua percepção de mundo – áspera, aguda – é sem dúvida herança do judaísmo.

Scliar foi o primeiro autor judeu brasileiro a usar seu povo como matéria de ficção de forma intensiva e amorosa, interesse que parece ter se iniciado depois de um curso sobre saúde pública no hospital *Hadassah*, em Jerusalém, no ano de 1970. Em 1972, o autor lançou *A guerra do Bom Fim*, cujo personagem central, Joel, é o herói de uma história que se passa no miolo da comunidade judaica de Porto Alegre. Em *O exército de um homem só*, de 1973, Mayer Guinzburg, o Capitão Birobidjan, move-se pelo bairro judeu e pela Porto Alegre de todos conhecida. A galeria de tipos judaicos de Scliar se amplia até chegar a Guedali Tratskovsky, o centauro, obra-prima de construção de personagem, no qual estão concentradas as particularidades que fazem os judeus tão tristemente comuns – e tão engraçados.

Scliar sempre afirmou seu amor ao Rio Grande do Sul: sentia-se profundamente gaúcho. Esse valor – o amor à terra, ao trabalho, à família e

ao riso – contagiou todos os que descendem dos imigrantes aqui chegados. Com um sentido de humor excepcional na vida como na literatura, o menino do Bom Fim criou personagens e situações que serviram como espelhos e guias na adaptação à nova terra. A literatura de Scliar deu feições ao judeu gaúcho e direito de existência ao judeu brasileiro. Scliar ajudou os outros judeus (e os não-judeus) a refletir sobre a inserção dos desadaptados, dos excêntricos, dos deficientes, dos loucos, dos marginais à sociedade, brasileira ou não. Através do riso, Moacyr Jaime chegou ao mundo e à Academia Brasileira de Letras. No dia da posse, o Bom Fim parou.

Scliar era um dos (nem tão raros) judeus que não seguem a religião: não frequentava a sinagoga, não observava o dia do *Shabat*. Em contrapartida, participava da vida da comunidade judaica e rio-grandense, fazendo questão de se apresentar quer no debate no Bom Fim quer na palestra da cidadezinha remota.

No seio da comunidade, Scliar exercia o papel de liderança, sempre pronto a confortar, a apoiar, a elogiar, a sugerir. Era um tipo conciliador, adepto do pacifismo nas questões relativas a Israel. Contava histórias e fazia rir seus interlocutores – mesmo que fosse o ancestral riso no meio de lágrimas (como lembraria seu primo, o psiquiatra Abrão Slavutzky, em *Seria trágico... se não fosse cômico*, volume organizado junto a Daniel Kuperman).

Uma das histórias que melhor definem o sentimento humoradamente judaico de Scliar é contada pelo repórter especial de *Zero Hora*, Moisés Mendes (reproduzida pela jornalista Larissa Roso quando da morte do autor). Numa das visitas periódicas que fazia ao jornal, Moisés brincou com o escritor:

– Se tivesses morado na França, terias sido o primeiro brasileiro a ganhar o Nobel de Literatura.

Ao que Scliar, na tranquilidade habitual, bateu de pronto.

– Prefiro ter toda a vida morado no Bom Fim. Mais sério do que isso, só mesmo rindo.

A JANELA PELA QUAL A LITERATURA CONTEMPLA O COTIDIANO

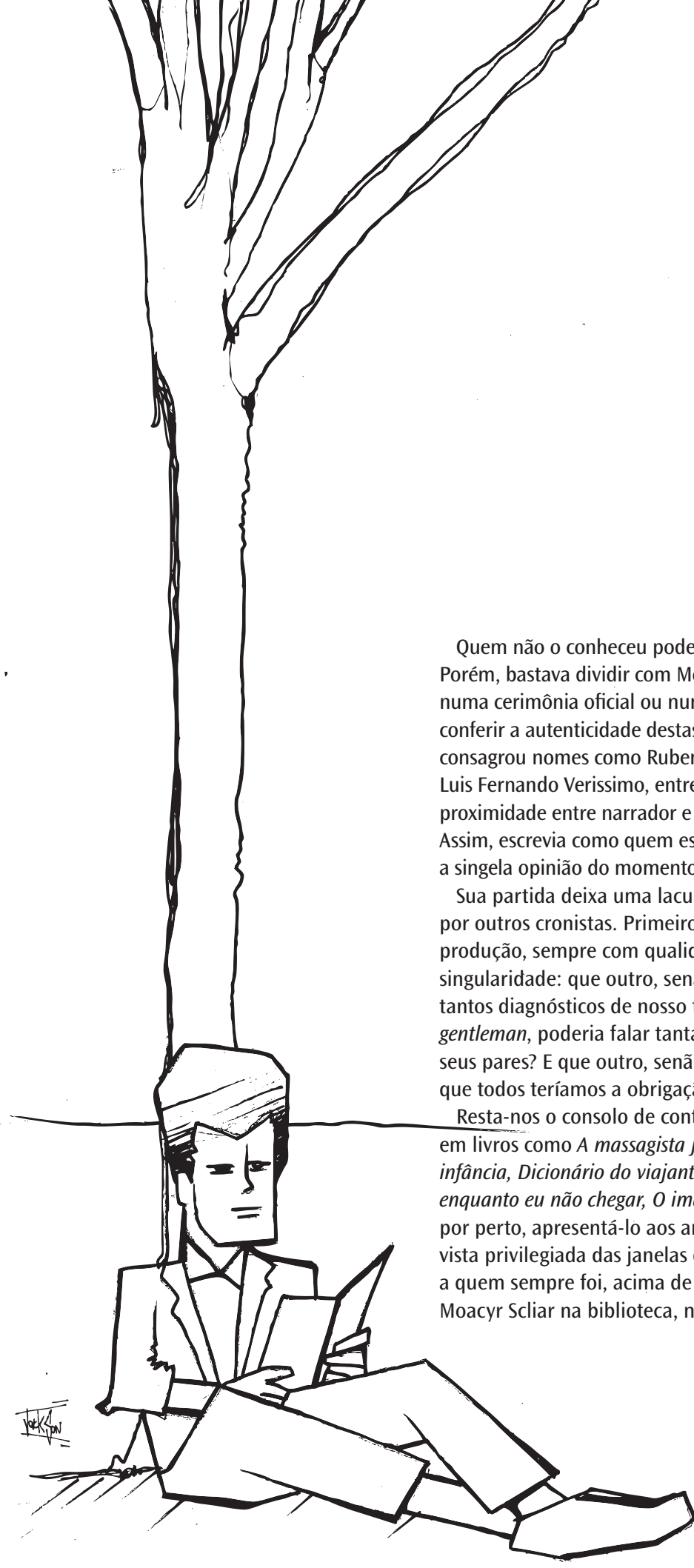
RUBEM PENZ

CRONISTA E MÚSICO

Escolha um lugar. Uma opção é estar de passagem pela calçada, em Porto Alegre, no Bom Fim ou no mundo, cruzando diante de uma janela para, desta forma, ser visto pelo cronista. Então, espiando para dentro do texto que vem de lá, notar que o escritor fala exatamente de você. Sim! De suas dores e alegrias; de seus medos e aventuras; de seus questionamentos e teorias; de seus segredos e também da opinião que, se não é sua, é igualzinha àquela que lhe acompanha.

A segunda alternativa é colocar-se ao lado do cronista, visando por seus olhos paisagens que sua rotina não costuma contemplar com apuro – situações estranhamente familiares. Escutar muito de perto seus argumentos sobre o cenário oferecido, ao pé das letras. Será a oportunidade de descobrir novos conceitos, ou de enriquecer (questionar?) suas particulares convicções com argumentos ora surpreendentes, ora óbvios, mas sempre sensatos. Muito sensatos.

Em um lugar ou outro (realmente não importa), escolha ler as crônicas de Moacyr Scliar. Poucos escritores na história da literatura brasileira foram tão generosos, tão encantadores e tão persuasivos utilizando-se do gênero por ele definido como sendo a janela para o cotidiano. Scliar conseguia o equilíbrio raro: era sério, mas jamais impertinente; era humorado e nunca jocoso; era leve sem ser superficial; era elucidativo nem parecendo que muito nos ensinava; transmitia esperança mesmo quando comunicava graves sinais de alerta.



Quem não o conheceu poderia pensar que estou exagerando. Porém, bastava dividir com Moacyr Scliar uma roda de conversa, numa cerimônia oficial ou num domingo de parque, para conferir a autenticidade destas palavras. Fiel ao gênero que consagrou nomes como Rubem Braga, Paulo Mendes Campos e Luis Fernando Verissimo, entre outros, Scliar usava e abusava da proximidade entre narrador e autor que só a crônica permite. Assim, escrevia como quem estivesse compartilhando com o leitor a singela opinião do momento, pronunciada com a própria voz.

Sua partida deixa uma lacuna muito difícil de ser ocupada por outros cronistas. Primeiro, porque era impressionante sua produção, sempre com qualidade acima da média. Depois, pela singularidade: que outro, senão um médico, poderia oferecer tantos diagnósticos de nosso tempo? Que outro, senão um *gentleman*, poderia falar tantas verdades sem se indispor com seus pares? E que outro, senão um sábio, poderia revelar aquilo que todos teríamos a obrigação de conhecer?

Resta-nos o consolo de contar com suas crônicas publicadas em livros como *A massagista japonesa*, *Um país chamado infância*, *Dicionário do viajante insólito*, *Minha mãe não dorme enquanto eu não chegar*, *O imaginário do cotidiano*. Tê-lo sempre por perto, apresentá-lo aos amigos e aos filhos. Desfrutar de sua vista privilegiada das janelas de nossa vida, indiscrição confiada a quem sempre foi, acima de tudo, um homem discreto. Com Moacyr Scliar na biblioteca, nunca faltará paisagem.

“Minhas primeiras histórias eram fantásticas e também meus primeiros romances. Depois, durante algum tempo, foi muito forte a influência do judaísmo. Mais tarde, abordei outros temas como medicina, saúde, personagens médicos. Hoje, realmente, acho que sou eclético, não consigo mais me classificar numa outra coisa. Mas não fiquei preso a rótulos, fui fazendo o que achava que tinha que fazer.”

Moacyr Scliar

DUAS CORDIAIS E ÍNTEGRAS METADES

FERNANDO NEUBARTH
MÉDICO E ESCRITOR



Coordenamos, em conjunto com os amigos Blau Souza, Franklin Cunha e José Eduardo Degrazia, uma série denominada *Médicos (pr)escrevem*, nos anos de 1995 a 2001, e que reuniu escritos não científicos de profissionais de todo estado. Apesar de consagrado, Scliar esteve sempre presente, atencioso colaborador. No sétimo e último volume, em deliberada intenção de encerrar a série, procuramos homenagear os médicos escritores naturais ou ligados ao Rio Grande do Sul, então já falecidos, elaborando um registro de dados biográficos e chegamos ao surpreendente número de 260 autores num período de pouco mais de cento e cinquenta anos. Só para citar alguns: Caldre e Fião, Ramiro Barcellos, Aureliano de Figueiredo Pinto, Dyonélio Machado e Cyro Martins. Desconhecia-se material publicado que fizesse essa ligação, mas há muitos exemplos também na literatura brasileira e universal de reconhecidos artífices dessa dupla militância.

A associação entre medicina e literatura tem algo de químera, é como um desses seres híbridos da mitologia. Simbiose entre limites de realidades por vezes duras, cruéis e a construção de outras histórias. Ao médico são reveladas, em geral de forma espontânea, esperanças, medos, desejos, angústias, dúvidas, segredos. E utiliza-se um método de trabalho que prioriza as questões fundamentais, o acesso ao cerne das aflições, a fim de bem desenvolver um enredo que leve à cura ou pelo menos ao conforto. A anamnese, a elaboração da história do paciente, é o instrumento técnico que conduz o fio de um relato por labirintos onde habitam sombras. Num primeiro momento busca-se a identificação do paciente, quem é o personagem, de onde vem, o que faz. O motivo da consulta, sua queixa principal, o conflito que o faz procurar ajuda. A partir daí, desenvolve-se o histórico dessa motivação, um relatório minucioso de outros sinais, sintomas, motivações paralelas, vida pregressa, social, familiar. Dependendo de tempo e espaço para o envolvimento, condições, circunstâncias ou mesmo urgência, teremos aí o conto conciso, a novela ou até o romance. Pode haver alguma verdade nisso, mas seria uma simplificação, há certamente muitos outros pontos de convergência.

O desenvolvimento e as mudanças na prática médica nas últimas décadas e, em particular, neste início de milênio; os avanços científicos e tecnológicos; o reconhecimento de novos saberes e sua difusão quase que instantânea, graças aos novos meios de comunicação; um salto qualitativo nos métodos diagnósticos; a compreensão das bases genéticas; procedimentos menos invasivos; a realidade dos transplantes e novos tratamentos, transformando em meta possível a cura, em mais e mais situações onde antes restava a contemplação piedosa; vive-se cada vez mais e com melhor qualidade. É possível afirmar que a medicina nunca esteve tão senhora de seus objetivos: promover saúde, aliviar sofrimento, cuidar, salvar vidas. Mas por outro lado, o profissional de saúde enfrenta más condições de trabalho, a pressa parece ter se tornado condição, substituindo a capacidade de observação e o raciocínio pela solicitação de exames, fruto de uma cultura desinformada de

que esses sempre aumentariam a certeza no diagnóstico, contribuindo para isso também os próprios pacientes, planos e instituições de saúde. Há muitos equívocos e uma motivação crescente na necessidade de resgatar o caráter humano à arte médica.

Se a medicina pode ter contribuído para motivar escritores, o inverso parece ser uma tática para transformá-la. Há um terreno comum, um território partilhado como assim o chamava Scliar, um forte aliado da proposta cada vez mais convincente de incentivar a leitura de textos literários pelos estudantes, buscando uma melhor compreensão dos sentimentos e dramas que a doença ou o temor desta provoca nos homens. Moacyr gostava de falar sobre isso.

Eu o chamava de rabi. Não por aparência, nem a barba era tão vasta. O jeito paternal. Síntese de médico da aldeia, mestre, juiz, conselheiro. A candura do olhar, no sempre guri, que sabia como irmão mais velho. Eu era o “doutorzinho”, sem viés pejorativo, sentia o afeto, no interesse comum, na atenção ao pretense aprendiz. À solicitação de receitas, prescrevia sabedoria em pílulas: não perde energia em guardar ideias, as boas não fogem. Contudo, ele as aproveitava. Pragmático, constante, escrevia; mas nunca insequente. Capricho na forma e no conteúdo resultava natural. Deixa inegável legado. Mais do que isso, a lembrança do incentivador generoso, do imortal sem vaidade, que conhecia números que fazem as estatísticas da saúde pública, mas a noção de que, em se tratando da vida, não são infinitos. Outra de suas pílulas: o conto parece opção para os que sabem que o tempo tem seu limite.

Moacyr Scliar sofreu um AVC no dia 16 de janeiro de 2011, no Hospital de Clínicas de Porto Alegre, quando se recuperava de uma cirurgia. Faleceu na madrugada de 27 de fevereiro, um domingo. Período de provação para a família e os amigos, os muitos amigos e admiradores. Um tempo de passagem, preparação, viagem pelo deserto da dúvida, dos sentimentos contraditórios, da sempre brutal constatação da ausência, de pontos finais em enredos que desejos pedem imortais.

Poucos souberam, mas é importante revelar. Dias de verão, boa parte da população no litoral, principalmente nos finais de semana, o Parque

Farroupilha, a nossa Redenção, foi o ponto de encontro de um estranho grupo. Chegavam no avançado das horas, noite após noite, quando mesmo os mais tardios já haviam deixado os bares da Osvaldo, da Venâncio e a variada fauna cotidiana se resumia a alguns poucos representantes de cada espécie. Revelado isso, talvez alguns praticantes de caminhadas no alvorecer rememorem alguns galhos baixos quebrados, a grama pisoteada, marcas no areão dos caminhos que levam ao Recanto Oriental. Mas é pouco provável. Alguns plantonistas do HPS logo ali perto, até pela experiência de servidores antigos do pronto-socorro, não terão dado grande importância às histórias de um ou outro bêbado que tivesse se aventurado no parque à noite, Delírios, bobagens. Mas foi verdade.

Vindos de diferentes lugares, dos altos da Independência, da Floresta, do Rio Branco, da Auxiliadora, dos lados da Azenha, e mais além, da Cascatinha, de Viamão, passando a Agronomia, seguindo o riacho ao longo da Ipiranga, de lonjuras outras, insuspeitadas. Haveria quem amanhecesse com a impressão de ter escutado um tropel, sonhado com desfiles de gaúchos montados feito ginetes, acusado o inconfundível som dos cascos no asfalto, em algumas poucas ruas onde resiste o paralelepípedo e até no arenito e no basalto de algumas calçadas. De resto, os centauros eram quase absoluto silêncio.

Fabulosas criaturas, originários da Tessália, descendentes de Íxion e de uma nuvem, com cabeça, braços e peito de homem e o resto do corpo e as pernas de um cavalo, os centauros sempre foram tidos como violentos, arruaceiros, representantes das forças sombrias e desgovernadas da natureza. Não era o caso, talvez porque dentre estes havia um que sempre foi considerado exceção: Quíron, filho de Fílira, que era filha de Oceano, e do Titã Crono que assumiu a forma de um cavalo para esconder sua traição da esposa Reia. Conhecedor das artes, da música, da medicina, da caça e da guerra, Quíron

era um sábio. Quando morreu, Zeus o colocou no firmamento em forma de constelação. Foi o tutor de diversos heróis, Jasão, Aquiles... E também de Asclépio, a quem ensinou a arte médica. O aprendiz, que era filho de seu amigo Apolo, tornou-se tão versado que, ao ressuscitar um de seus pacientes, Zeus, incomodado pela ameaça ao monopólio divino da imortalidade fulminou-o com um raio. Asclépio, ou Esculápio para os romanos, tornou-se o deus da medicina.

Além de Quíron, outro centauro tinha fortes motivos para estar ali, entre os que se reuniram nas sombras do parque no coração de Porto Alegre, Guedali Tratskovsky, quarto filho de um casal de imigrantes russos, nascido no interior do Rio Grande do Sul, e que teve como tutor o próprio Scliar.

Os centauros do Parque Farroupilha concentravam-se em pequenos círculos, a maior parte do tempo calados, um que outro comentário, em quase sussurro, a atitude de quem aguarda, espera. A vigília foi mantida ao longo dos quarenta e poucos dias em que o médico e escritor, não muito longe dali, inconsciente, preparava-se, aguardando sua própria redenção.

Quando o desfecho se cumpriu, assim como vieram, os centauros se dispersaram. Ninguém mais os viu, embora exista quem assegure, e eu acredito, que restou um, ainda jovem, brincalhão, que faz trotar em giros e pinotes, em bons fins de madrugada, os cavalinhos do carrossel do pequeno parque de diversões.

Humanista perfeito e homem simples, em Moacyr Scliar uniam-se a medicina e a literatura. Para bem praticá-las, a premissa básica, tanto para uma ou outra, será sempre a cordialidade, o interesse pelo paciente/personagem, pela construção/desconstrução/recriação de sua história e seu destino. E é a cordialidade que desperta a esperança que faz girar a vida.



Os LEÕES

MOACYR SCLiar

Hoje não, mas há anos os leões foram perigo. Milhares, milhões deles corriam pela África, fazendo estremecer a selva com seus rugidos. Houve receio de que eles chegassem a invadir a Europa e a América. Wright, Friedman, Mason e outros lançaram sérias advertências a respeito. Foi decidido então exterminar os temíveis felinos. O que foi feito da maneira que se segue.

A grande massa deles, concentrada perto do Lago Tchad, foi destruída com uma única bomba atômica de média potência, lançada de um bombardeiro, num dia de verão. Quando o característico cogumelo se dissipou, constatou-se, por fotografias, que o núcleo da massa leonina tinha simplesmente se desintegrado. Rodeava-o um setor de cerca de dois quilômetros, composto de postas de carne, pedaços de osso e jubas sanguinolentas. Na periferia, leões agonizantes.

A operação foi classificada de “satisfatória” pelas autoridades encarregadas. No entanto, como sempre acontece em empreendimentos desta envergadura, os problemas residuais constituíram-se, por sua vez, em fonte de preocupação. Tal foi o caso dos leões radioativos, que tendo escapado à explosão, vagueavam pela selva. É verdade que cerca de vinte por cento deles foram mortos pelos zulus nas duas semanas que se seguiram à explosão. Mas a proporção de baixas entre os nativos (dois para cada leão) desencorajou mesmo os peritos mais otimistas.

Tornou-se necessário recorrer a métodos mais elaborados. Para tal criou-se um laboratório de treinamento de gazelas, cujo objetivo primário era liberar os animais do instinto de conservação. Seria fastidioso entrar nos detalhes deste trabalho, aliás muito elegante; é suficiente dizer que o método utilizado foi o de Walsh e colaboradores, uma espécie de *brain-wash* adaptado a animais. Conseguindo um número apreciável de gazelas automatizadas, foi ministrado às mesmas uma forte dose de um tóxico de ação lenta. As gazelas procuraram os leões, deixaram-se matar e comer; as feras, ingerindo a carne envenenada, vieram a ter morte suave em poucos dias.

A solução parecia ideal; mas havia uma raça de leões (poucos, felizmente) resistente a este e a outros poderosos venenos. A tarefa de matá-los foi entregue a caçadores equipados com armamento sofisticado e ultrassecreto. Desta vez, sobrou apenas um exemplar, uma fêmea que foi capturada e esquarterada perto de Brazzaville. Descobriu-se no útero da leoa um feto viável; pouco radioativo, o animalzinho foi criado em estufa. Visava-se, com isto, a preservação da fauna exótica.

Mais tarde o leãozinho foi levado para o Zoo de Londres onde, apesar de toda a vigilância, foi assassinado por um fanático. A morte da pequena fera foi saudada com entusiasmo por amplas camadas da população. “Os leões estão mortos!” – gritava um soldado embriagado. – “Agora seremos felizes!”

No dia seguinte começou a guerra da Coréia.

Conto do livro *O carnaval dos animais*



Por ocasião do lançamento da antologia *Nove do Sul*, em 1962.

Da esquerda para a direita: Carlos Stein, Moacyr Scliar, Tânia Faillace, Sérgio Jockymann, Lara de Lemos (autora do *Hino da Legalidade*), Ruy Carlos Ostermann, Luis Lehrer e Álvaro Campos.

O PRIMEIRO PASSO DE UM IMORTAL

PRISCILA PASKO

JORNALISTA

A noite ainda não havia tomado por completo o céu dominical de Porto Alegre quando Mico e Carlito conversavam dentro de um automóvel *De Soto 1948*, na avenida Setembrina, nas proximidades do Parque da Redenção, em Porto Alegre. Era outubro de 1961. Os jovens Moacyr Scliar e Carlos Stein – ambos com 24 anos de idade – discutiam, entre outras questões, as barreiras que insistiam em impor-se aos escritores jovens no Rio Grande do Sul. Mico, como o futuro imortal era chamado pelos amigos, ainda não desfrutava dos brios que as Letras lhe dariam. Afinal, para que isso acontecesse, seria preciso dar o primeiro passo.

Scliar, que 42 anos após aquele domingo seria o sétimo ocupante da cadeira 31 da Academia Brasileira de Letras, dava um primeiro passo que seria vital em sua carreira literária. Ao lado do amigo de infância, Carlos Stein, teve uma ideia nascida em um rompante: por que não publicar uma obra independente, em formato cooperativista, que apresentasse novos nomes da literatura gaúcha?

O plano, a princípio ingênuo, inauguraria em junho do ano seguinte, a primeira antologia do Rio Grande do Sul e o primeiro modelo de publicação custeado pelos autores: o livro *Nove do Sul*. Logo, a dupla entrou em contato com a escritora Lara de Lemos, pessoa que colaborou

de forma significativa para a estreia deles como autores no mundo da literatura. Ao final, o projeto contava com nove nomes: Cândido de Campos, Josué Guimarães, Tânia Jamardo Faillace, Sérgio Jockymann, Lara de Lemos, Ruy Carlos Ostermann, Sérgio Ortiz Porto, Moacyr Scliar e Carlos Stein.

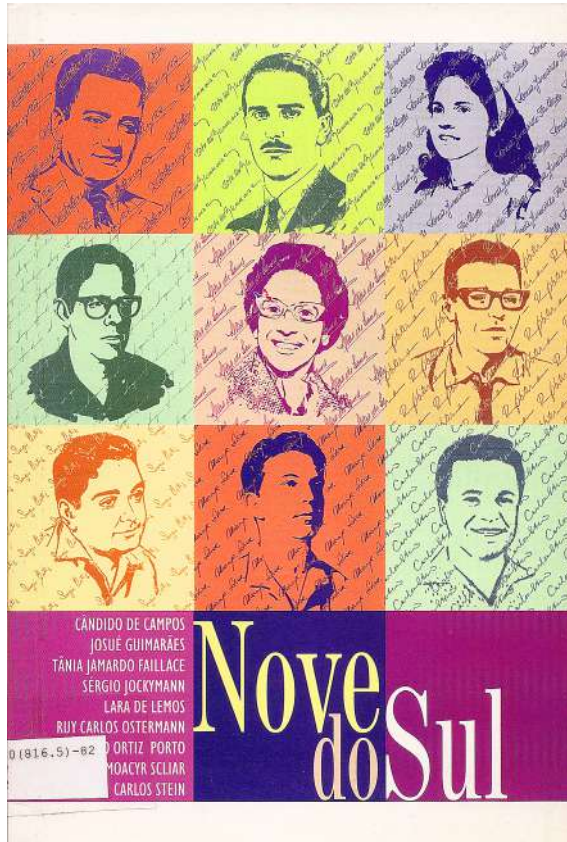
O Rio Grande do Sul já havia deixado para trás os ares estritamente rurais, mas a literatura gaúcha insistia em retratar um cenário que não correspondia à realidade em cem por cento. A ascensão do urbanismo, as alterações nas relações entre patrão e empregados, o Brasil industrial que surgia – nada disso estava em evidência, pois a nova geração que vivenciava tais mudanças não dispunha de espaço para demonstrá-las às editoras ou jornais de grande circulação.

Scliar, assim como todo aquele que desejava iniciar-se nas Letras, penou muito em redações até conquistar certo reconhecimento. A única editora da época, a Globo, investia em escritores estrangeiros e regionais consagrados, mas não abria espaço a inéditos. Mesmo assim, após a publicação de *Nove do Sul*, lembra hoje Carlos Stein, a situação não se alterou. “Assumimos (o grupo) certa relevância do ponto de vista literário, mas o impacto foi pequeno. Mesmo após a publicação, nem todos foram bem recebidos no mercado editorial. De qualquer forma, boa parte da memória do *Nove do Sul* se deve ao Scliar.”

A jornalista e escritora Tânia Jamardo Faillace lembra que o período no qual o livro foi concebido e elaborado foi bastante conturbado politicamente. “O País estava em hesitação desde 1954, e no meio desta história saiu um livro de um pessoal que não tinha espaço para publicar – com a exceção da Lara. Os dois mentores foram o Scliar e o Stein. Eles trabalhavam bastante, davam a injeção de ânimo no pessoal”, conta Tânia.

“O *Nove do Sul* foi um incentivo notável a todos nós, foi um ponto de partida, além de confirmar algumas trajetórias. Era um livro contra o mundo”, recorda Ruy Carlos Ostermann.

Outro integrante do ambicioso projeto, Sérgio Jockymann, diria no caderno “Letras e Livros”, encartado no jornal *Correio do Povo*, em novembro de 1982: “O Rio Grande do Sul



estava à nossa espera, o Brasil precisava de nós. Para o Scliar, no entanto, era um problema de lógica. A nossa hora havia chegado e havia um certo compromisso pessoal de assumir a nossa posição (...)”.

No mesmo encarte que comemorava o 20º aniversário de lançamento da obra, Scliar constatou: “Tenho certeza que a releitura de *Nove do Sul*, hoje, não envergonharia nenhum de seus autores (...). Na trajetória de vários dos escritores que dela participaram, a antologia foi pelo menos um marco de referência. A partir dela, cada um seguia seu caminho. E *Nove do Sul* ficará, se não como um monumento, pelo menos como uma curiosa e comovente lembrança”.

De fato, o *Nove do Sul* não teve grande repercussão no meio literário, mas teve significativa importância por sacudir o marasmo editorial e lançar novos autores. Em 2012, a antologia completa 50 anos. Nada mal para uma ideia quase desprezível, nascida em um domingo, dentro de um *De Soto 1948*.

O SILÊNCIO DA CRÍTICA COMO RECEPÇÃO À PRIMEIRA OBRA

TAILOR DINIZ

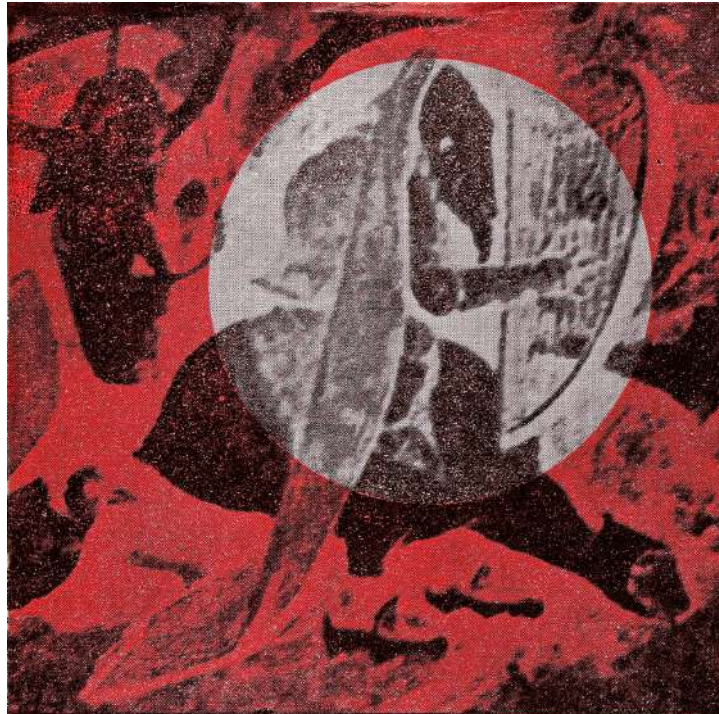
ESCRITOR E EDITOR DE VOX

Em 1968, ano emblemático na vida política brasileira, Moacyr Scliar lançava aquele que ele próprio considerava seu primeiro livro, *O carnaval dos animais*, editora Movimento. Antes, em 1962, publicara *Histórias de um Médico em Formação*, um livro que, reza a lenda, ele desconsiderava na formação do seu currículo. Chegava ao ponto de comprar os exemplares que encontrava pela frente, para não correr o risco de que algum desavisado o fizesse.

O carnaval dos animais, e o que se disse dele [ou o que se deixou de dizer] à época de seu lançamento, não deixa de ser um lenitivo para os novos autores que hoje tanto se queixam da falta de divulgação e do desinteresse da crítica pelas suas obras recém saídas do forno. Exemplo é o texto escrito por um influente crítico de então, Wilson Martins, publicado no jornal *O Estado de S. Paulo*, no qual ele se refere ao silêncio havido em torno do livro de Scliar após seu lançamento.

Parte desse texto está reproduzida na quarta capa da sua segunda edição, de 1976: “Há, entretanto, os que renovam a literatura ‘pelo interior’ e que, por isso mesmo, estão condenados a uma falta de reconhecimento imediato quase inevitável. É o que ocorre, por exemplo, com Moacyr Scliar (*O carnaval dos animais*), a quem, tanto quanto sei, a crítica brasileira ainda não deu toda séria consideração que merece”. Ou seja, a vida de escritor também não foi fácil para o iniciante Moacyr Scliar, que, não obstante esse certo desprezo inicial referido por Wilson Martins, veio a se tornar um autor da grandeza que todos os brasileiros vieram a conhecer e reconhecer depois.

Importante nesta estreia de Scliar na ficção foi o papel desempenhado pelo então editor Carlos Jorge Appel, da editora Movimento, a responsável pela publicação de obras de autores então desconhecidos, que hoje,



SEGUNDA EDIÇÃO

O CARNAVAL DOS ANIMAIS

moacyr scliar

 EDITORA MOVIMENTO • SEC - RS

assim como Scliar, são destaques da literatura brasileira. Como tantos intelectuais da época, Appel frequentava a livraria Coletânea, de propriedade do escritor Arnaldo Campos, no centro de Porto Alegre. A conversa ali girava sempre em torno dos ásperos acontecimentos da década e da situação sociocultural do Rio Grande do Sul pós-Legalidade e pós-Golpe de 64. “Foi quando o Arnaldo chamou um jovem que folheava um livro junto a uma estante: Moacyr Scliar. Nesse dia, combinamos que eu iria ler seus originais”, conta Carlos Appel.

Assim, nascia *O carnaval dos animais*, obra que Appel considera o ponto de alavancagem e de afirmação da carreira de Scliar – uma coletânea de contos acrescida de novos textos a partir da segunda edição, que, em seguida, viria a ser a premiada pela Academia Brasileira de Letras.

A CRÍTICA SOCIAL NOS CONTOS DE MOACYR SCLiar ¹

REGINA ZILBERMAN

PROFESSORA DO INSTITUTO DE LETRAS DA UFRGS

Narrando sua biografia literária num número especial e já histórico da revista *Status*, dedicada ao conto brasileiro da década de 70, Moacyr Scliar assim lembrou o aparecimento de seu primeiro texto, evento que teve conotações sobrenaturais:

Na sessão inaugural de um congresso médico, eu, de terno e gravata, assistia enlevado a um discurso, quando, de repente, comecei a suar. O colarinho me pareceu subitamente apertado, tentei afrouxá-lo, mas os dedos não me obedeciam, se alongavam (horror) como garras (até peludas, creio!) e, quando vi, minha mão direita empunhava uma caneta esferográfica! Tomado de um impulso irresistível corri para uma sala reservada, e lá, em meio a convulsões espantosas, escrevi *Um Conto*. Ao colocar o *Fim*, as coisas voltaram ao normal e pude retornar ao salão de festas, onde minha ausência não tinha sequer sido notada.

Nessa declaração, o ficcionista, aparentemente, ri de seu próprio processo de criação; outro artigo da mesma época adota enfoque mais compenetrado, sem deixar, entretanto, de confirmar a noção de estranheza referida antes. Esta estranheza, segundo o autor, é originária da condição que viveu e que trata de descrever nesse trabalho: o fato de ter morado no Bom Fim que “naquela época [na sua infância] era um bairro de pequenas casas, povoado por famílias de artesãos, de pequenos comerciantes, gente que

já transava razoavelmente com porto-alegrenses – mas que, no fundo, ainda eram imigrantes”. (“Caderno de Sábado”, 19 de junho de 1976). E o imigrante é em princípio um homem estranho à terra local na sua luta pela adaptação, o que o faz eminentemente um observador:

Ele espia e expia. E aí – no olhar – está o primeiro poder do estranho. Ele vê coisas que os outros não veem. Olho arguto, olho mágico, enxerga poros nas superfícies lisas, minúsculas fissuras nos revestimentos. O estranho, até então frio e vazio como um ventre de larva, é agora um olho – enigmático, brilhante como uma brasa na escuridão.

A estranheza constitui, pois, o princípio do distanciamento, facultando um sentido crítico que, segundo Scliar, a literatura judaica contém e que ele herdou, por se considerar vinculado a essa tradição: “A literatura judaica sempre foi marcada por estas coisas, pelo estranho, pelo marginal, pelo rebelde”. Assim se explica por que o escritor, no ato da criação, sente-se a figura diferente antes descrita, estranha, portanto. O fenômeno sobrenatural mostra como o artista se percebe enquanto criador, identificando de imediato o posicionamento crítico que reveste sua produção literária.

1. Publicado originalmente em *Dez contos escolhidos* (Brasília: Horizonte; INL, 1984), de Moacyr Scliar.

O Carnaval dos Animais

Estudo de
Regina Zilberman



Cabe, pois, verificar como *O carnaval dos animais*, obra originalmente publicada em 1968, traduz essa visão crítica do mundo e da sociedade. Ela se volta primeiramente à infância: “Trem Fantasma” e “O dia em que matamos James Cagney” situam-se nesse período, marcado sobretudo por um comportamento: a violência. Nas duas narrativas, as personagens estão diante de um espetáculo, o trem fantasma, numa história, o cinema, na outra, cuja finalidade precípua é a de estimular as emoções fortes, realizando de maneira catártica a propensão a uma atividade destruidora. A catarse, porém, não basta para todos os casos: se, no conto que leva seu nome, a personagem, o anti-herói James Cagney, morre ficcionalmente, em “Trem Fantasma” é o próprio espectador, o menino Matias, que se dilacera. O espetáculo não consiste a causa direta da destruição, mas há uma relação de contiguidade entre os dois eventos, pois o que persiste é a imagem da aniquilação. O narrador descreve o aparecimento da família de Matias, vinculada às noções de morte e corrupção física:

A porta do salão se abriu; entrei por ela. Ali estava a *mãe* de Matias, disfarçada de *bruxa* (...). Outra porta se abriu – a do banheiro, um velho banheiro com vasos de samambaia e torneiras de bronze polido. Suspenso do chuveiro estava o *pai* de Matias, enforcado: língua de fora, rosto arroxeadado. Saindo dali entrei num quarto de dormir onde estava o *irmão* de Matias, como *esqueleto* (...). Já o gabinete nos revelou *as duas irmãs* de Matias, *apunhaladas* (facas enterradas nos peitos; rostos lambuzados de sangue de galinha. Uma estertorava).

A violência, que leva o homem, por deformação pessoal ou social, a arruinar seu meio ambiente, marca o conjunto de contos de *O carnaval dos animais*. Quando desaparece o álibi do espetáculo, que libera as forças destrutivas ao nível da fantasia e atenua seu efeito sobre a realidade, as personagens tornam-se agentes ativos, escolhendo como objeto preferencial

de sua ação predatória o outro. Esse, em contos como “Os leões” ou “A vaca”, é encarnado por animais, alegoria que se esclarece de imediato: a alienação do outro pelo sujeito provoca o rebaixamento daquele na escala biológica. Esse processo é empregado na construção de “A vaca”, cujo título refere-se tanto ao animal tão útil ao marujo na ilha perdida, quanto à moça, também de nome Carola, que o herói conhece no navio.

“Torneio de pesca” procura explicitar a causa desse comportamento: trata-se de uma forma de dominação, recurso para a escalada social ou para a manutenção dos limites entre as classes. Quando o indivíduo passa a agredir a si mesmo, o quadro não muda, como em “Canibal”; ou em “O Clube dos Suicidas”, que retoma a noção de espetáculo: a violência do sujeito contra sua própria pessoa converte-se em show para a televisão, fechando o ciclo iniciado por “Trem fantasma”.

A contrapartida da violência também aparece em *O carnaval dos animais*: a banalidade da existência aí está, o viver não aparecendo mais como agressão, mas como fluir inexpressivo e carente de sentido. A apresentação desse tema assume contornos originais: o escritor vale-se de personagens para quem as vivências constituiriam um contínuo de emoções e denuncia seu vazio. Em “Shazam”, o Capitão Marvel, agora aposentado, conhece uma vida entediada e esquecida, tendo de recorrer à memória para recuperar as glórias do passado e experimentando a destruição interior causada pelo transcurso do tempo.

As narrativas exercem, portanto, a função essencialmente crítica a que o escritor se atribui e que o integra à linhagem social do conto brasileiro. Por outro lado, as histórias têm sentido alegórico; e não se pode esquecer a presença de elementos fantásticos na maioria dos textos. Como se conciliam a propensão crítica dos contos e a recorrência a situações e figuras sobrenaturais ou pelo menos inusitadas?

Os contos de Moacyr Scliar usam como ponto de partida sugestões provenientes do cotidiano e

próximas das vivências do escritor e do leitor. O cenário da maioria das histórias é Porto Alegre, e as características conhecidas do espaço conferem natureza verista às narrativas. Essa base habilita o ficcionista a exercitar a função crítica a que se propõe enquanto escritor. Por outro lado, essa realidade cotidiana, considerada insuficiente por quem a vivencia, é transformada e ampliada pela fantasia, conforme indicam os contos “Trem Fantasma” e “O dia em que matamos James Cagney”. Essa passagem faculta a introdução do elemento fantástico, atribuindo contornos sobrenaturais e alucinantes tanto à experiência vivida, quanto a seu relato, conforme acontece especialmente em “Trem Fantasma”.

O fantástico não se apresenta, porém, apenas como um produto do imaginário dos protagonistas. Há narrativas em que o recurso ao extraordinário ou ao insólito domina soberano: está presente quando da criação do cãozinho fabuloso que devora os desonestos, causando o despovoamento do conto; ou em “Torneio de pesca”, “A vaca” ou “Os leões”, vale dizer, nas narrativas em que avultam a violência e a destruição. É esta que aparece exageradamente ou, noutra formulação, incomum é a ação do homem em relação aos seus semelhantes, de modo que, nestes textos, o fantástico é empregado para denunciar os problemas verificados na sociedade.

Tzvetan Todorov, no estudo sobre o fantástico, afirma que a função social desse gênero, bastante popular no século passado, radicava na possibilidade que oferecia de transpor certos limites. Conforme suas palavras, “a função do sobrenatural é subtrair o texto à ação da lei e, por isso mesmo, transgredi-la” (*Introdução à literatura fantástica*). Todorov atribui a decadência do fantástico, na passagem do século XIX para o XX, à psicanálise, que adotou seus temas, abordou-os cientificamente e sugeriu a terapia possível.

A proibição de abordar certos temas e sua sublimação via literatura, no século passado,

referiam-se sobretudo ao sexo e à psicose: estas eram as questões censuradas e censuráveis. Da sua parte, os contos de Scliar não trabalham esses assuntos (somente “A vaca” aproxima-se dele), mas a violência e seu contrário, a banalidade entediada. De um lado, assistimos ao entredevoramento de homens, de outro, à sua anulação, mesmo por parte daqueles que, como o Capitão Marvel ou K. Marx, outrora passaram por perigos ou privações.

Subtraindo a violência à ação da censura porque expressa por meios que estão acima dela, os contos acabam por manifestar-se com maior força e tomam sentido de alerta aos leitores. Em vista disso, o fantástico ainda possibilita o exercício da atividade crítica; e estabelece uma relação de contiguidade com o cotidiano, iluminando sua banalidade e acentuando a carga opressiva que exerce sobre o indivíduo, quando este vive num regime de relações de produção marcado pela desigualdade. Portanto, ocorre antes de tudo a denúncia da brutalidade da sociedade, incomum e inaceitável por atentar contra os princípios de humanidade que deveriam nortear a civilização. E, se é incomum, passa a ser mostrada como tal, esclarecendo o modo singular com que o ficcionista se utiliza do gênero fantástico.

Entende-se, pois, o processo criador do artista, guiado pelo exercício contínuo de um posicionamento crítico, que o leva à revelação dos procedimentos escusos da sociedade. Seu ponto de partida são sugestões oferecidas pelo meio, o que o filia à tradição realista do conto brasileiro, nascida com Machado de Assis. Mas, diante da insuficiência do verismo, o escritor recorre à representação exagerada daquilo que constata na realidade circundante. Ao fim, o exagero é que se revela verdadeiro: não é o autor que mistifica o que percebe, é o objeto percebido que se desenvolveu de forma megalômana, oprimindo o indivíduo e alijando-o de uma existência autêntica. Nesta perspectiva fantástica, mostra-

se a própria realidade, ainda mais se cotejada aos princípios éticos que outrora formulou para nortear a conduta das pessoas. Assim, o texto retorna às suas fontes, situando-se nas fronteiras do verismo, todavia ainda dentro dele.

Moacyr Scliar afina-se com legitimidade à tradição do conto nacional; mas contribui decisivamente, com *O carnaval dos animais*, para a renovação do gênero, abrindo-lhe novas

possibilidades de expressão, ao incluir nele recursos que à primeira vista não lhe pertencem, como o fantástico. Como este não significa evasão ou escapismo, revela-se instrumento útil para o desempenho do papel característico do conto enquanto gênero, o de desvelar de forma crítica o cotidiano, em especial, os processos que alienam o indivíduo e tornam-no peça submissa da engrenagem social.

Trem Fantasma

MOACYR SCLiar

Afinal se confirmou: era leucemia mesmo, a doença de Matias, e a mãe dele mandou me chamar. Chorando, disse-me que o maior desejo de Matias sempre fora passear de Trem Fantasma; ela queria satisfazê-lo agora, e contava comigo. Matias tinha nove anos. Eu, dez. Cocei a cabeça.

Não se poderia levá-lo ao parque onde funcionava o Trem Fantasma. Teríamos de fazer uma improvisação na própria casa, um antigo palacete no Moinhos de Vento, de móveis escuros e cortinas de veludo cor de vinho. A mãe de Matias deu-me dinheiro; fui ao parque e andei de Trem Fantasma. Várias vezes. E escrevi tudo num papel, tal como escrevo agora. Fiz também um esquema. De posse destes dados, organizamos o Trem Fantasma.

A sessão teve lugar a três de julho de 1956, às vinte e uma horas. O minuano assobiava entre as árvores, mas a casa estava silenciosa. Acordamos o Matias. Tremia de frio. A mãe o envolveu em cobertores. Com todo o cuidado colocamo-lo num carrinho de bebê. Cabia bem, tão mirrado estava. Levei-o até o vestibulo da entrada e ali ficamos, sobre o piso de mármore, à espera.

As luzes se apagaram. Era o sinal. Empurrando o carrinho, precipitei-me a toda velocidade pelo longo corredor. A porta do salão se abriu; entrei por ela. Ali estava a *mãe* de Matias, disfarçada de

bruxa (grossa maquilagem vermelha. Olhos pintados, arregalados. Vestes negras. Sobre o ombro, uma coruja empalhada. Invocava deuses malignos).

Dei duas voltas pelo salão, perseguido pela mulher. Matias gritava de susto e de prazer. Voltei ao corredor.

Outra porta se abriu – a do banheiro, um velho banheiro com vasos de samambaia e torneiras de bronze polido. Suspenso do chuveiro estava o *pai* de Matias, *enforcado*: língua de fora, rosto arroxado. Saindo dali entrei num quarto de dormir onde estava o *irmão* de Matias, como *esqueleto* (sobre o tórax magro, costelas pintadas com tintas fosforescentes; nas mãos, uma corrente enferrujada). Já o gabinete nos revelou as *duos irmãs* de Matias, *apunhaladas* (facas enterradas nos peitos; rostos lambuzados de sangue de galinha. Uma estertorava).

Assim era o Trem Fantasma, em 1956.

Matias estava exausto. O irmão tirou-o do carrinho e, com todo o cuidado, colocou-o na cama.

Os pais choravam baixinho. A mãe quis me dar dinheiro. Não aceitei. Corri para casa.

Matias morreu algumas semanas depois. Não me lembro de ter andado de Trem Fantasma desde então.



DA JANELA, OLHANDO O COTIDIANO

WALTER GALVANI
JORNALISTA E ESCRITOR

As melhores definições são sempre as mais simples, aquelas que nos dão a primeira e imediata impressão de que somos, quem sabe, coautores daquela frase... Então devo começar esta crônica sobre Moacyr Scliar, agradecendo-lhe pela genial aproximação com o gênero que tanto curtimos, de um modo especial nos países latinos e de forma particular no Brasil:

“A Crônica – escreveu ele – é a janela pela qual a literatura contempla o cotidiano!”

Claro, você pode dizer que é isso e muito mais, mas é por esta janela que o cronista “vê o mundo” e é dessa situação de analista amigo que nos vê a todos, Moacyr Scliar.

Ele começou cronista, pois o livro que ele próprio excluía do seu currículo de tantos livros, por julgá-lo imaturo, *Histórias de um médico em formação* (Editora Difusão de Cultura, Porto Alegre, 1962), em verdade sua estreia como escritor, era também a primeira visão do cronista que estudava medicina e percebia a extraordinária aproximação entre aquela atividade humanística por sua essência, salvar vidas como profissão, ainda mais como o generalista que logo se formou, o higienista por opção, e compreendê-las como intelectual, como futuro escritor e jornalista.

O exercício da crônica e sua capacidade inata de comunicação, seu poderoso sentido de compreensão da alma humana, acabaram por torná-lo indispensável à nossa leitura, fosse nas abordagens semanais de assuntos de saúde, fosse no comentário político, administrativo, e até no esportivo.

Sabe-se, desde o final do século XIX, do sucesso do *foot-ball* no Brasil, ninguém reclamou pelo aportuguesamento da palavra para futebol, que só veio a se dar em meados do século passado. Tanto que o Brasil, cinco vezes campeão mundial da especialidade, gerou em suas cidades a divisão entre flamenguistas e vascaínos, como no Rio, sampaulinos e corintianos ou palmeirenses em São Paulo, gremistas e colorados em Porto Alegre, e assim por diante. Moacyr Scliar era “diferente”. Nem gremista, nem colorado, mas cruzeirista. E além de torcedor do Esporte Clube Cruzeiro, jogador de basquete no time da ACM (Associação Cristã de Moços).

Escrevendo para vários jornais, como *Zero Hora* de Porto Alegre, no mínimo duas crônicas semanais, *Folha de S. Paulo*, atendendo convites dos “alternativos”, muitos de distribuição gratuita, que são tantos, escrevendo “especiais” de vez em quando, enfim, Moacyr Scliar, cerca de 80 livros publicados, foi talvez quem mais se aproximou da própria definição: “Crônica: a janela pela qual a literatura contempla o cotidiano”.

E há também, e isso era de se esperar de um médico que atravessou toda a sua vida utilizando também a avenida da Literatura, a crônica terapêutica. Como dizia ele, a crônica, além de tudo pode curar...

Tanto que, escreveu que a “a literatura serve para muitas coisas. Serve para informar, para divertir e também para curar, ao menos para minorar o sofrimento das pessoas.” (publicado em *Zero Hora*, “Literatura como tratamento”, “Caderno Vida”, 31 de maio de 2002).

A literatura de um modo geral e a crônica, de um modo especial, só não nos podem curar agora é da ausência de Moacyr Scliar, um médico, um escritor, um especialista em saúde pública, um amigo e, acima de tudo, um cronista.

PAPÉIS DO OFÍCIO

MARIA EUNICE MOREIRA

DIRETORA DA FACULDADE DE LETRAS DA PUCRS

(19) O velho Manoel, aos setenta e oito
anos de idade embarcou para
Portugal. Um dos seus mais
memoráveis de fitas descolou
um cartão que trouxe um verso de
Bispo: "Abençoado Salazar". "Salazar
foi um bom, bom homem" - disse
alguém, apiedado. O velho prun
contos ~~de~~ iniciais, rípidos, o
braço levantado segurando o
cartão, um brilho de desafio
nos olhos. Era um belo dia
de verão. A temperatura local
era de vinte e um graus.

(20) A velha Mafra, ~~to~~ autora
de apagar a luz para
dormir. Fitava ansiosamente
a ditadora, que estava cheia
de um copo. "Está tudo de
novo, sem oprimido" - murmurava.

Destinado à guarda da PUCRS pelo próprio autor, o acervo de Moacyr Scliar, que se encontra no DELFOS – Espaço de Documentação e Memória Cultural, situado no sétimo andar do prédio da Biblioteca Central Ir. José Otão, é constituído principalmente por papéis que englobam esboços e notas, manuscritos, comprovantes de edição, correspondência e documentos variados.

As vinte e duas caixas que abrigam manuscritos, a maior parte deles autógrafos, guardam o processo criativo de obras como *A guerra do Bonfim*, *A estranha nação de Rafael Mendes*, *Os voluntários*, *Cenas da vida minúscula*, *O centauro no jardim* e *Sonhos tropicais*, inúmeros contos, além de uma peça valiosa, a primeira versão inteiramente autógrafa da novela *O exército de um homem só*.

Entre esse volume de papéis, há ainda várias cadernetas e cadernos, nos quais o escritor registrava tanto as ideias que lhe ocorriam para a composição de suas narrativas, quanto anotações de número de telefones, informações a serem buscadas e, não raro, o texto de um conto ou o esboço de um romance ou de uma novela. Scliar escrevia em qualquer pedaço de papel: receituários médicos, folhas para cartas disponibilizadas em hotéis, blocos publicitários brindados por empresas e distribuídos em eventos literários ou médicos, cadernetas dos mais diversos tamanhos, blocos de papel pautados ou não, laudas de jornais, capa de talão de cheque, verso de informativos, páginas de agendas, diário de médico, folhas soltas de anotações provisórias do Departamento Estadual de Saúde, enfim, todo e qualquer espaço podia ser utilizado para anotar uma ideia, a sugestão para um conto ou o plano para um romance.



UM AUTOR PARA TODA VIDA

MARCELO FRIZON
PROFESSOR DE LITERATURA

Façamos um exercício inicial: quantos escritores brasileiros escreveram contos, novelas, ensaios, crônicas, romances e literatura infanto-juvenil? Entre os nomes que podem estar vindo à cabeça do prezado leitor, quantos alcançaram respeito e prestígio em todos esses gêneros e ainda obtiveram reconhecimento também no exterior? Sem exagero, provavelmente o único nome que pode ser lembrado é mesmo o de Moacyr Scliar.

Por isso, é comum encontrar leitores que o conheceram inicialmente por livros voltados para crianças, como foi o meu caso. Mais tarde, esses mesmos leitores (e incluo-me aí também) tiveram a oportunidade de conhecer seus contos e romances, representantes do melhor de sua vasta produção, que conta mais de 80 livros. Não contentes, esses leitores ainda poderiam deleitar-se com textos mais pessoais, como os ensaios, sempre lúcidos e provocativos, ou as crônicas publicadas em jornal (e eventualmente reunidas em livro), textos esses em que o autor ficava mais exposto, porque não tinha como se esconder atrás de um narrador ficcional.

Há muitas formas de ler a obra de Scliar e nenhuma está errada. Como se sabe, ele era uma pessoa extremamente gentil, mas certamente ficaria aborrecido se alguém dissesse o que deve ser lido de sua obra ou por onde se deve começar a lê-la. Portanto, este texto não pretende encaminhar o leitor pela produção do escritor, mas, isto sim, carrega consigo uma sensação: no fundo, a experiência de leitura de sua obra é semelhante para boa parte de seu público.

Por quê? Bem, Moacyr Scliar é um dos autores mais lidos em escolas Brasil afora. Livros como *Um país chamado Infância* e *O tio que flutuava* (que li por volta dos 10 anos) fazem parte da formação

literária de boa parte dos estudantes desde a década de 80. São livros inventivos que geram uma coisa difícil de explicar. Coisa, mesmo, não há outra palavra. E essa coisa difícil de explicar é justamente a capacidade que a boa literatura tem de fazer o leitor querer sempre mais. Por isso, é comum leitores retornarem à obra de Scliar atrás de livros que não leriam se não tivessem começado por sua literatura infanto-juvenil.

Logicamente, há quem tenha conhecido Scliar por causa do vestibular. O autor faz parte do programa de Literatura de várias universidades e já apareceu em questões do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). Pode parecer estranho lembrar disso aqui, porque não é a partir de questões de provas de seleção que se atesta o valor de um escritor. Mesmo assim, é um reconhecimento e tanto, já que mostra que a crítica acadêmica, responsável pela produção dessas avaliações, vê nele não só um grande autor, mas um autor que merece ser lido pelos jovens. Nesse caso, o livro mais lembrado deve ser *O centauro no jardim* (1980), meu Scliar favorito e considerado pelo National Yiddish Book Center, dos Estados Unidos, um dos cem livros de temática judaica mais importantes da modernidade. É impossível não reconhecer no drama de Guedali o preconceito, a busca e a afirmação da identidade, a obsessão perversa dos homens pelo diferente, sensações todas que

qualquer um já sofreu ou impingiu e que não dependem de cor, sexo, religião ou faixa etária, muito embora Guedali simbolize magistralmente o drama do povo judeu em solo brasileiro.

“Coisa importante, lembrar”, afirma o narrador na abertura do último romance publicado por Scliar em vida, o belo *Eu vos abraço, milhões*, publicado em 2010, poucos meses antes de sua morte. Lembrar: foi justamente isso que o autor fez em seu primeiro romance, *A guerra no Bom Fim*, de 1972, outro exemplar importante de sua produção voltado para a temática judaica. Mas a narrativa não vale apenas pelo registro que faz ao transformar o Bom Fim distante em testemunha próxima da mais sangrenta guerra que a humanidade já viu: a forma como o narrador vai nos guiando pelas ruas e fronteiras do bairro, como uma câmera a observar os pequenos e grandes dramas do menino Joel, revela pouco a pouco os pequenos e grandes dramas não só daquele bairro ou daquela Porto Alegre dos anos 1940, mas daquele mundo. E fica-se justamente com essa impressão: o bairro mais querido de Porto Alegre é um mundo que pode ser explorado infinitamente, tal qual o drama dos judeus na II Guerra. Vide Michel Laub, jovem escritor gaúcho que resolveu encarar, em seu romance *Diário da Queda*, essa tradição iniciada por Scliar. Esta é, aliás, outra marca de um grande autor: ainda que Laub e outros escritores possam não reconhecer

essa filiação, para o leitor com um mínimo de intimidade com a obra de Scliar é fácil perceber ecos de sua literatura na produção desses jovens que vieram em sua esteira.

Diante de um escritor tão sagaz, fatalmente o leitor procurará mais livros que tratem desse tema. Mas Scliar nunca foi de levantar bandeiras. Sua literatura, ainda que tenha conquistado reconhecimento muito por causa da maneira como abordou o judaísmo, também reservou espaço para assuntos mais cotidianos, como podemos encontrar em contos como “Pausa” ou “A orelha de Van Gogh”. No primeiro, Samuel quer apenas um dia de descanso no meio de sua semana cheia de trabalho. A maneira inusitada que encontra para descansar, livre de tudo e de todos, desconcerta o leitor, à maneira dos grandes mestres do gênero, como Hemingway ou Tchekhov. No segundo, que deu título ao livro ganhador do prêmio Casa de Las Américas de 1989, é fácil simpatizar com o pai do narrador, um sujeito culto e cheio de imaginação, apesar de ser um incompetente completo para os negócios que deveriam assegurar as finanças familiares.

Outra característica marcante de Scliar era essa capacidade impressionante que tinha para criar grandes personagens (ainda que em textos curtos, como os apontados acima). Qualquer escritor que se preze sabe que essa é uma tarefa tão fundamental quanto difícil na construção do

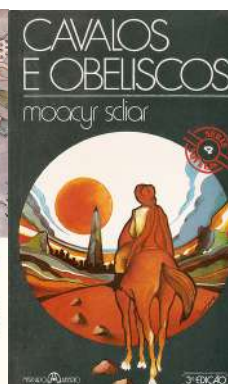
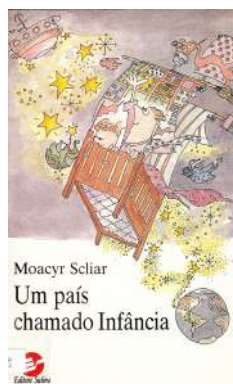
texto literário. E, por isso, tenho certeza de que muitos escritores sentiam inveja dessa qualidade do autor gaúcho. Nunca vão admitir que Mayer Guinzburg, o Capitão Birobidjan de *O Exército de um Homem Só*, é o tipo de personagem que gostariam de ter construído: um Dom Quixote judeu, comunista, humanista. Em uma palavra: encantador. Nunca vão admitir que os dramas da protagonista de *A mulher que escreveu a Bíblia* são chocantes basicamente por causa dessa personagem, dessa mulher que nos arrebatou ao falar de maneira tão aberta, tão clara e objetiva.

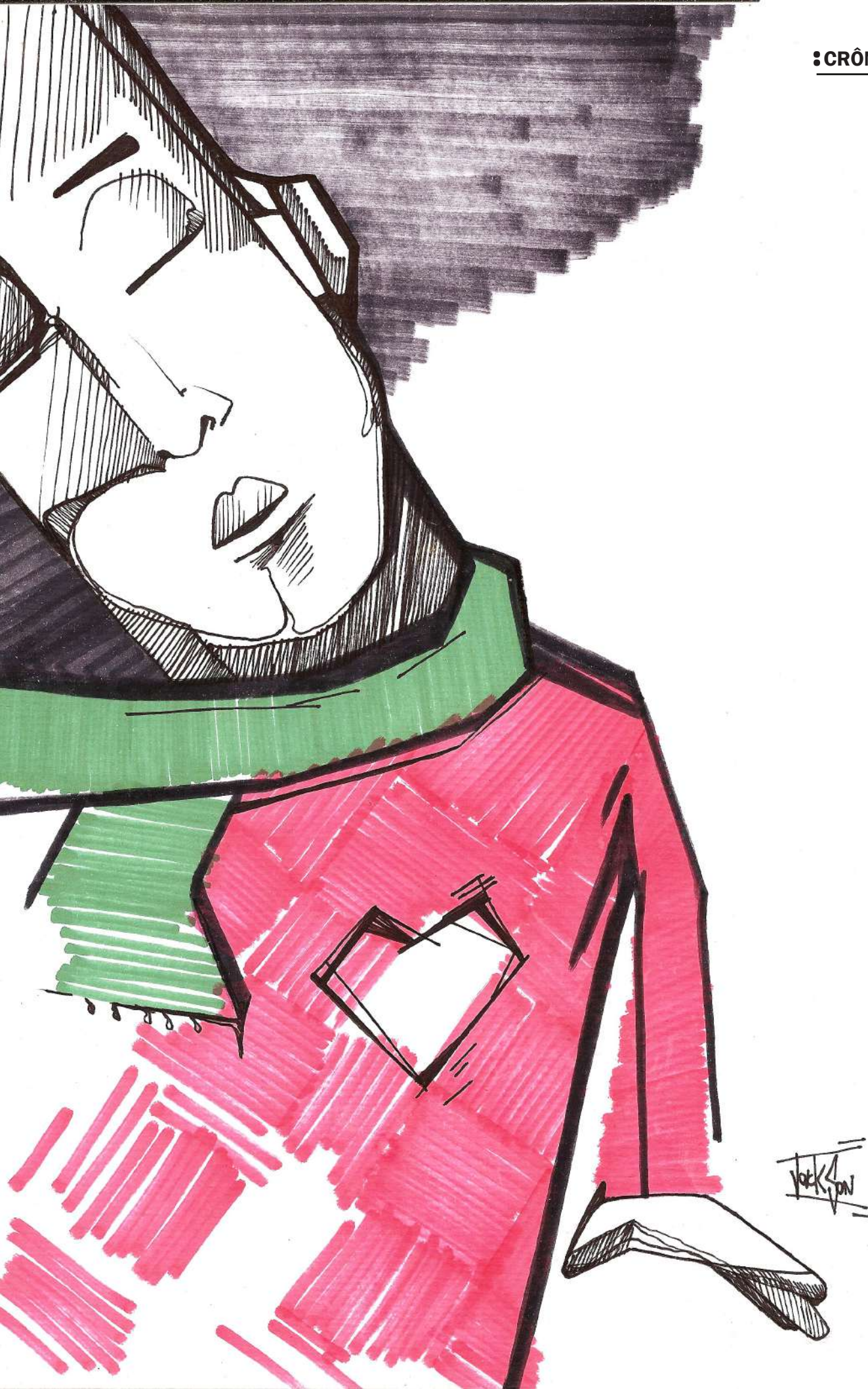
É verdade que há quem prefira os textos menos exigentes de Scliar, como os simpáticos contos e crônicas de *Mistérios de Porto Alegre*. Qualquer pessoa que viva Porto Alegre, qualquer um que não esteja aqui apenas de passagem, qualquer um que percebe que essa cidade tem algo inexplicável, como qualquer cidade que se preze, acaba se encantando com as muitas curiosidades arroladas nesse belo livro. E talvez, o mais interessante desse livro, seja justamente ficar imaginando o que o autor teria inventado e o que simplesmente coletou da boca do povo ao longo de sua vida nessa cidade que tanto amava.

A crítica literária geralmente reconheceu esses talentos todos de Scliar. Geralmente, porque é natural que, diante de uma obra tão grande e variada, o autor não tenha conseguido manter sempre a mesma qualidade. Mas a maior parte

desse livros, que são muito poucos (eu mesmo não consigo pensar em mais de dez), foram feitos sob encomenda de editoras. E o autor tinha uma virtude rara nesses casos: Scliar era sempre solícito, dificilmente dizia “não”.

Como qualquer interessado em Literatura, portanto, lamento profundamente a morte de um escritor tão criativo como Scliar. Ele não media esforços na busca pela melhor forma de expressar suas inquietações através do texto, fosse ele uma reflexão complexa, como a de *Saturno nos Trópicos*, em que aborda a história da melancolia, ou uma simples trama infanto-juvenil, como *O mistério da Casa Verde*, baseada no conto “O Alienista”, de Machado de Assis. Mas fico feliz porque ele não teve receios, como muitos escritores têm, de escrever um livro de memórias. E não deveria mesmo, porque um autor que há gerações encanta pessoas das mais variadas faixas etárias precisa ter consciência de sua qualidade e pode ter certeza de que seu público agradece as lembranças registradas em *O texto, ou: a vida*. Por tudo isso, Scliar é um autor para toda a vida, desde a mais tenra infância até a mais difícil velhice.





SCLIAR, O INVISÍVEL

RICARDO SILVESTRIN
ESCRITOR E DIRETOR DO IEL

Daniel Munduruku, escritor brasileiro que nasceu na tribo dos índios Mundurukus, no Pará, escreveu uma bela crônica falando de seu luto pela morte de Scliar. Recebi-a pela internet, dias depois do falecimento. Daniel abria o e-mail dizendo que o fazia para homenagear esse que o apoiou e com quem sempre pode contar na realização de inúmeros eventos indígenas.

Pelo mesmo período, comecei a ouvir diversos relatos, vindo das mais diferentes procedências, sobre a solidariedade do Moacyr. E o curioso é que isso tudo nunca se tornou público. Nunca foi motivo de autoelogio. Não se sabe de um blog, como é tão comum hoje, em que Scliar dissesse agora fiz isso, agora fiz aquilo.

Era uma ajuda sincera, sem esperar receber nada em troca. Scliar se multiplicava, quase invisível, levando sua presença a todos. No Projeto Autor Presente, do Instituto Estadual do Livro, participou de incontáveis encontros com estudantes nos mais distantes lugares do Rio Grande do Sul. Atestam os organizadores que, desde sempre, é difícil saber de algum convite que tenha recusado.

Como ele afirmou numa entrevista, considerava livro como vacina. Assim como o médico deve levar vacina para a população, o escritor deve levar livros. Patrono de feiras, palestrante, autor lido em sala de aula, lá se ia Scliar tratando a todos bem, do motorista que o conduzia a cada leitor que o abordava.

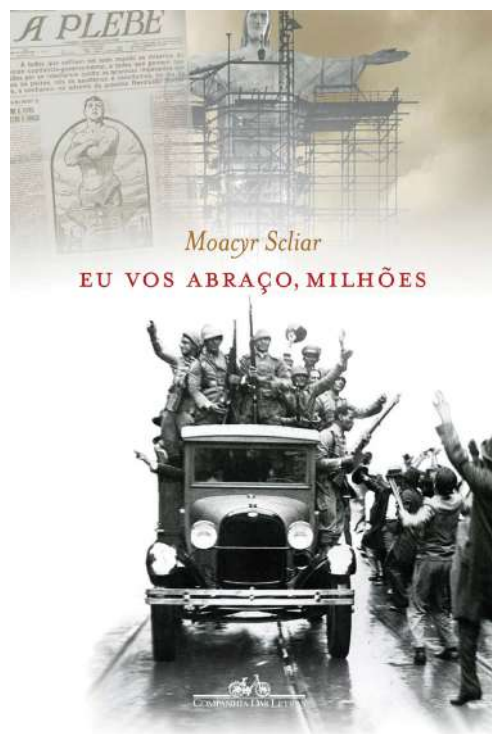
Recebi e-mails espontâneos de Scliar, ora elogiando alguma crônica que publiquei no jornal Zero Hora, ora falando bem de um poema meu que lera numa revista. Funcionavam como uma vacina de ânimo. Ele sabia que elogio é saúde e que quem escreve quer saber se o seu texto encontrou alguém do outro lado.

Atenção, estamos falando de um escritor consagrado. Sim, do autor de *O centauro no jardim*, um dos melhores romances do século XX. Ele, que poderia ficar no alto do seu trono aguardando que os súditos o procurassem, tomava a iniciativa de buscar o diálogo. Fez uma linda e empolgada apresentação para o livro de contos que lancei, *Play*. E me orgulhou com sua luminosa presença na manhã em que tomei posse no Instituto. Com a bênção de Scliar, tudo ficou mais fácil.

Daniel Munduruku encerrava sua crônica com “Moacyr Scliar: mais que um nome, um Homem”. É também a melhor maneira de encerrar esse texto.

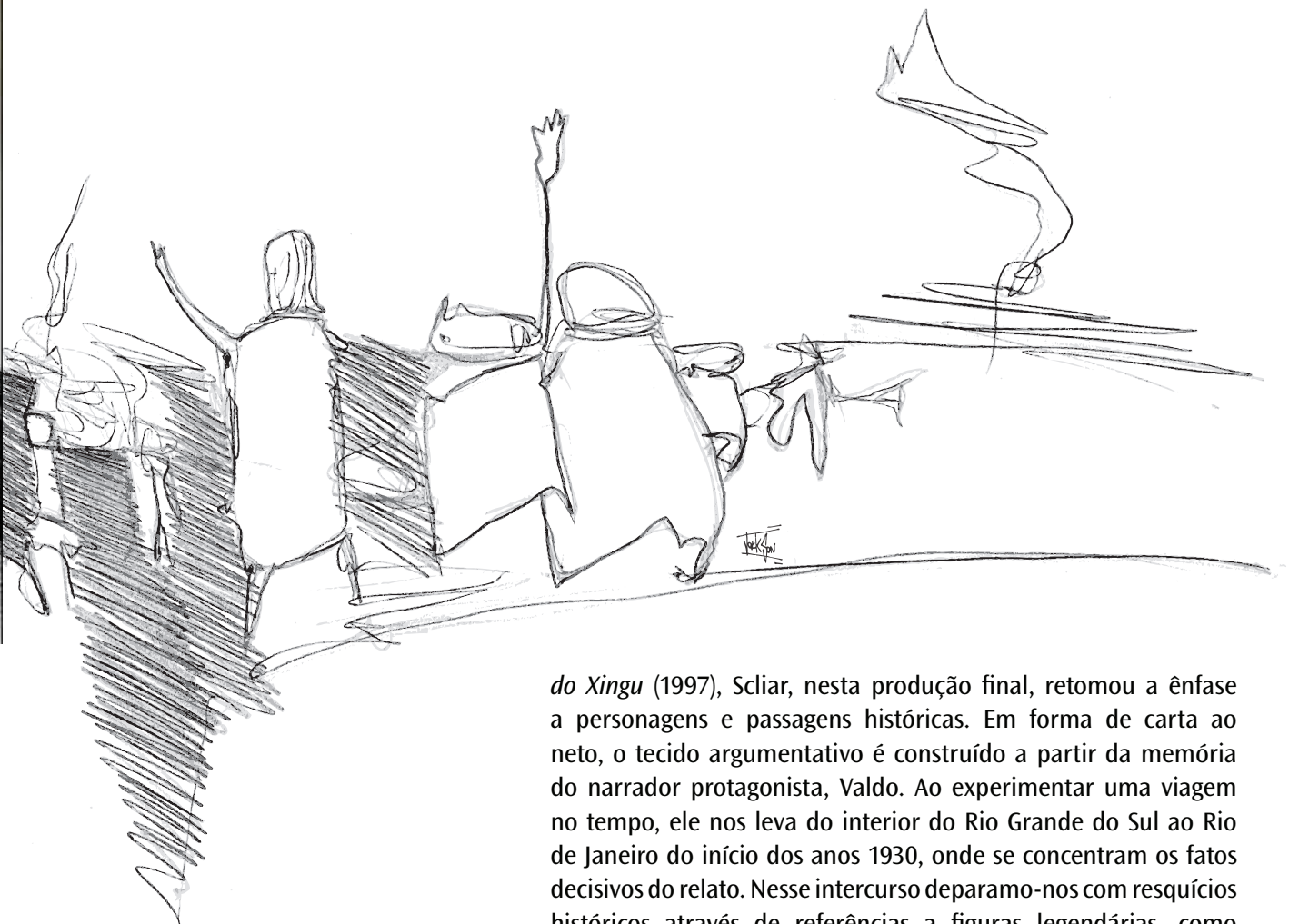
LIÇÕES DE VIDA É ARTE: EU VOS ABRAÇO, MILHÕES

PEDRO BRUM SANTOS
PROFESSOR DO CURSO DE LETRAS DA UFSM



Quando dizemos que a arte imita a vida estamos, de algum modo, destacando o apelo de realidade ou, mesmo, biográfico, que uma manifestação artística pode exhibir. Em muitos casos, porém, isso é dissimulável pelo uso consciente e habilidoso dos disfarces próprios do ofício. Já em outros, as experiências autorais são assumidas como uma estratégia consciente e, mesmo, perseguida. Entre nós, poucos se enquadram tão bem nesta segunda situação como Moacyr Scliar. Sabemos, por exemplo, o quanto, sendo judeu, o autor explorou essa distinção de origem na condução de seus livros. Há, no entanto, mais um aspecto balizador que, com ressonância na experiência pessoal, teve grande rendimento na sua arte ficcional. Trata-se do talento natural para conversar, palestrar, contar. O sujeito que, sabidamente, não perdia a piada e encantava plateias de todas as idades – tinha sempre uma historinha para encaixar em cada situação –, soube traduzir e aprimorar essa fluência verbal em literatura de qualidade.

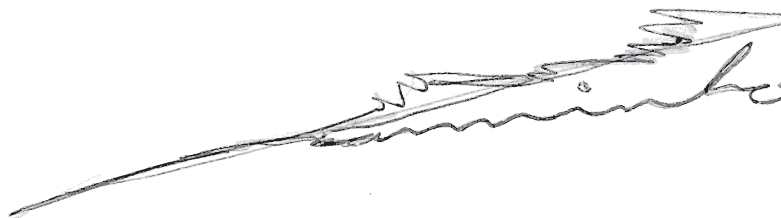
Examinado sob esse ângulo da loquacidade discursiva, *Eu vos abraço, milhões* (2010), último livro publicado por Moacyr Scliar, soa como a peça de despedida que veio para confirmar a consagrada riqueza de fabulação através da qual o autor constantemente buscou aproximar experiência e criação, narrativa literária e elaboração do saber. Como no distante *Mês de cães danados* (1977) ou nos posteriores *Sonhos tropicais* (1992) e *A majestade*



do Xingu (1997), Scliar, nesta produção final, retomou a ênfase a personagens e passagens históricas. Em forma de carta ao neto, o tecido argumentativo é construído a partir da memória do narrador protagonista, Valdo. Ao experimentar uma viagem no tempo, ele nos leva do interior do Rio Grande do Sul ao Rio de Janeiro do início dos anos 1930, onde se concentram os fatos decisivos do relato. Nesse intercurso deparamo-nos com resquícios históricos através de referências a figuras legendárias, como Luiz Carlos Prestes e Astrojildo Pereira, e a episódios marcantes, como a construção do Cristo Redentor e a ação dos gaúchos que amarraram os cavalos no obelisco da então capital brasileira.

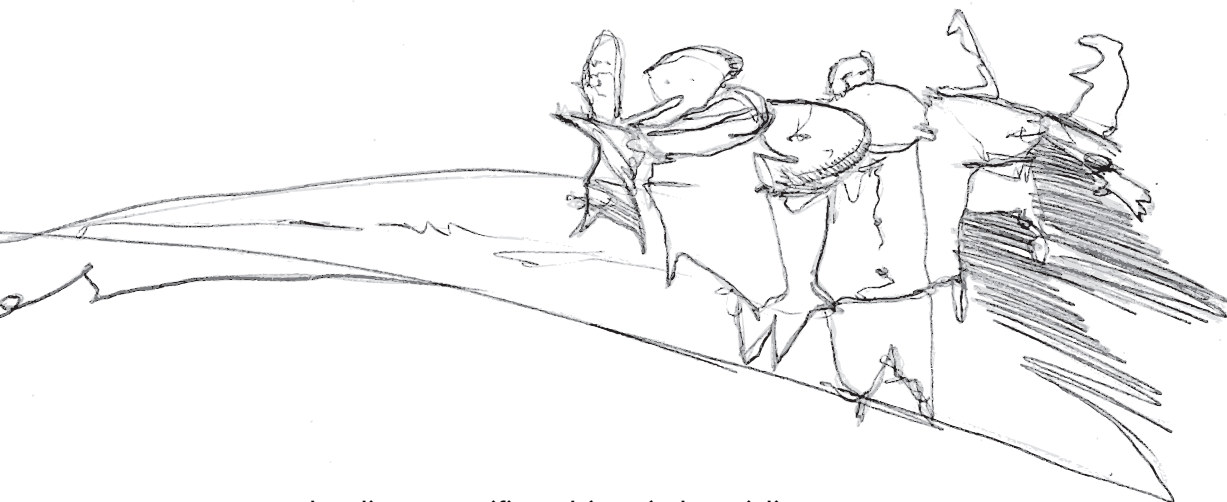
Não é de estranhar que, como atestam experiências anteriores, em *Eu vos abraço, milhões*, o uso da História tenha quase sempre a função de pretexto para produzir alguma reviravolta na fábula, sem, no entanto, quebrar a constância acelerada de seu ritmo. Em Scliar há, em geral, limitado espaço para lamentar as perdas. Quer dizer, há poucas paradas, simplesmente porque existe muito mais para ser contado. Com isso, a percepção da realidade histórica submete-se a esse perseverante movimento de sucessão que aponta, com insistência, na direção do próximo episódio.

A compulsão por contar histórias certamente tornou-o um mestre na exploração de um recurso narrativo que Norman Friedman (1955) definiu como sumário. De acordo com o crítico americano, a prática consiste na exposição de uma sequência de eventos abrangendo certo período de tempo e uma variedade de locais – em contraste com a cena, que supõe concentração temporal e espacial, com visível diminuição de ritmo discursivo.



A natureza do sumário, por outro lado, permite ao autor o uso constante da apropriação. Referimo-nos ao aproveitamento da anedota, da parábola, enfim, do saber instituído e consagrado. Nesse plano, os diferentes empregos da citação – que costuma aparecer tanto de modo direto como indireto – inscrevem o ficcionista numa longa e antiga tradição romanesca definida pela capacidade de colocar em diálogo diferentes estratificações de fala, ou, como define o teórico russo Mikhail Bakhtin (1988), pela propriedade de erigir-se como permanente resultado das palavras dos outros. O modo como Scliar tira partido desses recursos, moldando-os para graduar a intensidade da trama, é um dos aspectos que salientam o absoluto controle de estilo que percebemos em *Eu vos abraço, milhões*. Há muitas passagens que demonstram essa qualidade da obra, mas, para encerrar, lembremos rapidamente o caso do “garoto misterioso” que visitou Machado de Assis, quando este se encontrava no leito de morte.

Na base da palavra que puxa palavra, o incidente se intromete à altura em que o protagonista – na carta ao neto – recorda a época dos bancos escolares. Ao evocar sua antiga professora de primeiras letras, ressalta a admiração que aquela votava a Machado de Assis. A lembrança da mestra logo serve para isolar o seu ato favorito: mostrar aos alunos uma passagem do *Jornal do Commercio* – “dona Doroteia exibia um recorte já antigo do jornal” – de onde o narrador transcreve trecho da crônica de Euclides da Cunha dando ciência da misteriosa visita ocorrida em 1808. Na sequência do romance, a “apropriação” operada em relação à biografia de Machado terá outros desdobramentos. Um deles é episódio carregado de ironia e que elabora um contraponto mundano às crenças literárias de dona Doroteia. Trata-se da peripécia em que Maria Clara, senhora da pensão do Cosme Velho, ao insinuar-se para o protagonista revela fantasias eróticas com o grande escritor e segreda-lhe ter servido de musa inspiradora para a criação de Capitu. Por fim, já no fecho da longa carta que escreve ao neto, Valdo retoma o episódio do anônimo garoto que visitara o moribundo Machado, para revelar-lhe a identidade. Tratava-se de Astrojildo Pereira, o mesmo que,



na trama de Scliar, personifica o *leitmotiv* do socialismo que, como constante busca – e nunca como realização concreta – move o narrador no tempo e no espaço.

Os desdobramentos do episódio relatado demonstram como a citação desdobra-se, de aparente apropriação casual, em fio condutor, cuja força concorre para afirmar o núcleo central do argumento, desde logo adiantado no próprio poder sugestivo da metáfora do título do livro, que, por seu turno, de acordo com a mesma lógica de acomodação do já dito, inspira-se em verso famoso do poeta alemão Friedrich Schiller. Nessa rede de relações e na linha da arte que imita a vida, por um desses bons desígnios da literatura, as palavras finais do narrador fazem justiça ao entusiasmo discursivo do autor, agora, definitivamente, circunscrito ao universo de sua extensa e reconhecida obra: “como é bom viver. Ai, meu neto. Como é bom viver”.

BAKHTIN, Mikhail. **Questões de estética e de literatura**. A teoria do romance. São Paulo: HUCITEC, 1988.

FRIEDMAN, Norman. **Point of View in Fiction**: The Development of a Critical Concept. PMLA, V. 70, N°. 5, dez. 1955, pp. 1160–1184.

SCLIAR, Moacyr. **A majestade do Xingu**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

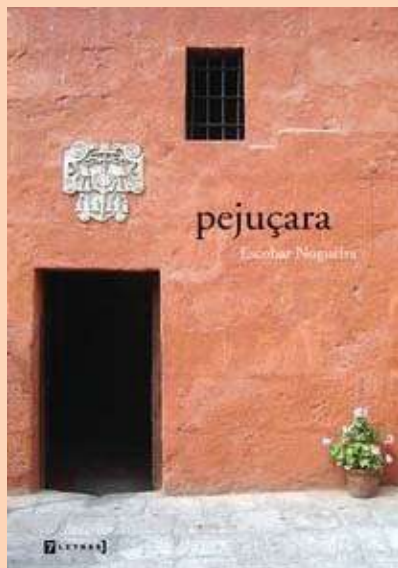
_____. **Eu vos abraço, milhões**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

_____. **Mês de cães danados**. São Paulo, L&PM, 2005.

_____. **Sonhos tropicais**. São Paulo, Companhia das Letras, 1992.

VOX recomenda:

PEJUÇARA ESCOBAR NOGUEIRA



À famosa frase “Canta tua aldeia e cantarás o mundo”, acrescento uma palavra: bem; canta bem tua aldeia e cantarás o mundo. É isso que me vem à cabeça ao ler *Pejuçara*, do poeta Escobar Nogueira. São excelentes poemas sobre a vida de uma pequena cidade do interior do Rio Grande Sul que nos revelam uma grande poesia. Escobar não é poeta de primeira viagem. Entretanto, nesse livro, seu texto encontra uma harmonia rara entre dizer e sugerir. São palavras claras, as de todo dia, combinadas com ritmo, imagens, pequenas narrativas, transformando, por exemplo, uma simples estátua de praça num objeto de reflexão profunda e inusitada sobre a condição humana. É difícil escrever um livro inteiro de poesia com unidade temática em que todos os poemas se sustentem individualmente. Em *Pejuçara*, Escobar supera também esse impasse. Cada poema pode ser lido separadamente ou no todo. Outra qualidade do seu texto é que não se trata de poesia para iniciados. Pode e deve ser lido por todos. [Ricardo Silvestrin]



CINEMA – O DIVÃ E A TELA Enéas de Souza e Robson Feitas

Os autores analisam as relações entre cinema e psicanálise a partir de títulos dos seminários realizados desde 2005 pela Associação Psicanalítica de Porto Alegre.

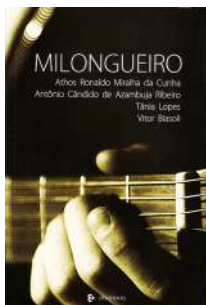
Editora Artes e Ofícios
192 páginas



O QUE FALTAVA AO PEIXE – contos

Ana Santos mora em Porto Alegre, onde trabalha como professora de inglês. Estudou Jornalismo e cursou a Oficina de Criação Literária da PUCRS.

Editora Libretos, com FUMPROARTE
76 páginas



MILONGUEIRO

Contos escritos coletivamente. Um autor começa, os outros continuam. De Athos Ronaldo Miralha da Cunha, Antônio Cândido de Azambuja Ribeiro, Tânia Lopes e Vitor Biasoli.

Editora Movimento

128 páginas



ESSE INFERNO VAI ACABAR – crônicas

Humberto Werneck

Coletânea de crônicas publicadas aos domingos no jornal *O Estado de S. Paulo*, entre 2010 e 2011. Humberto Werneck nasceu em Belo Horizonte e é jornalista e escritor.

Editora Arquipélago

192 páginas



A PEDRA DO DOUTOR GETÚLIO – romance

Mauro Maciel

É a obra de estreia do autor. A ação se passa em Uruguaiana, durante a Segunda Guerra Mundial, e mistura ficção com fatos reais, entre eles a construção da ponte da Integração.

Editora Movimento

160 páginas



24 LETRAS POR SEGUNDO – contos

Dezessete escritores interpretam seus cineastas favoritos, entre eles Monique Revillion, Rodrigo Rosp, Pena Cabreira, Pedro Gonzaga, Milton Ribeiro, Rafael Bán Jacobsen.

Não editora

192 páginas



NÓS PASSAREMOS EM BRANCO – crônicas

Luís Henrique Pellanda

Coletânea de crônicas que têm como cenário o cotidiano da cidade de Curitiba-PR. O paranaense Pellanda é jornalista e músico, colunista do jornal *Rascunho/ Paraná*.

Editora Arquipélago

192 páginas



PAULO GOMES

ARTISTA PLÁSTICO E PROFESSOR

MEMBRO DO CONSELHO CONSULTIVO DO MACRS

PARA QUE SERVE UM MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA ?

DENISON FAGUNDES

Não foram poucas as vezes que escrevi sobre o Museu de Arte Contemporânea do Rio Grande do Sul. Foram análises preparadas para eventos locais, ensaios sobre a função dos museus de arte contemporânea, artigos indignados pelo descaso, incompetência, falta de credibilidade e mesmo sobre o desprezo do Estado pelas suas instituições artístico-culturais. Mais uma vez venho escrever sobre o MAC e fico me questionando se isso ainda vale a pena. Uma das características que nós, artistas e agentes culturais, mais nos orgulhamos é a nossa incansável capacidade de não desistir, mesmo sob as condições mais adversas. Então vale a pena falar, novamente, do MAC.

A cada quatro anos, com a mudança de governo, retomamos a luta: um novo diretor é nomeado. Alguns se envolvem e conseguem, pela força de uma capacidade inquebrantável de convencimento, trazer novamente a classe artística para o centro da discussão que se renova: queremos um museu funcionando porque precisamos dele.

Duas questões se impõem: para que queremos um museu e porque precisamos dele? Não falemos aqui da necessidade óbvia de equipamentos culturais para uma cidade que se tem como culta e politizada. Para que serve um museu? Se a pergunta for colocada, podemos devolvê-la nos mesmos termos: para que precisamos das repartições e dos templos? É evidente que este é um questionamento que será naturalmente considerado desnecessário e ocioso. Então façamos o mesmo com relação aos museus, deixemos de questionar sua necessidade e passemos logo às suas atribuições e funções.

Um museu serve para articular ações organizativas e participativas da classe de trabalhadores artísticos. O museu serve para democratizar o acesso às coleções públicas, difundindo a criação artística e evidenciando a riqueza intelectual de sua comunidade. Deve, ainda, estimular a criação artística plástica e visual, gerando maior produção, circulação e consumo.

O MAC tem a função cultural de propiciar a fruição, a informação e possibilitar a documentação e a pesquisa sobre a arte contemporânea. Tem a função educativa de propiciar a formação humanística e profissional de nossa comunidade, através de exposições permanentes de acervo, projetos pedagógicos para atendimentos das instâncias educativas formais e ainda possibilitar os estudos e as pesquisas acadêmicas.

O MAC é a instância pública de cultura que temos para prover a criação plástica e visual contemporâneas. É dele que esperamos a iniciativa de adotar medidas de fomento e estímulo à produção. A ele cabe a difusão, a formação e profissionalização de artistas e gestores, estimulando a criação e ampliando a produção. Cabe também ao MAC o papel de permitir que os educadores de arte tenham condições de atuar junto às comunidades estudantis, tornando a ideia da arte contemporânea uma realidade e não uma excentricidade. Cabe-lhe, finalmente, a nobre atividade de realizar exposições e ações de intercâmbio com as secretarias de cultura dos municípios do Rio Grande do Sul.

Essas são as atividades esperadas de um museu de arte contemporânea. Em suma, cabe-lhe a missão de, implantando uma política de estímulo à produção e ao mercado para a arte contemporânea, possibilitar ao Estado ser, de fato e não apenas por propaganda, educado, culto e politizado.

POR UMA PRÁTICA DE DANÇA ACESSÍVEL

CARLA VENDRAMIN

MESTRE EM COREOGRAFIA PELA MIDDLESEX UNIVERSITY – LONDRES

Para o desenvolvimento da dança com pessoas com deficiência ou para pessoas com e sem deficiência juntas, é importante que a acessibilidade seja discutida em sua abrangência integral. Acessibilidade inclui não apenas o acesso à estrutura física de cidades e prédios, mas o acesso ao treinamento em dança, a informação e a educação da plateia, a pesquisa e o estudo acadêmico especializado. Implica também o exercício político de direitos, a mudança dos paradigmas sociais e a amplificação do conhecimento dos críticos de dança e da sociedade sobre o assunto.

Os agentes ligados a questões culturais e sociais são essenciais para promover o reconhecimento de um território da dança feita com pessoas com e sem deficiência. Estudos atuais sobre deficiência enfatizam a discussão de questões que dizem respeito não apenas ao significado da deficiência, mas colocam em debate a natureza da sociedade, seus valores dominantes e o significado de qualidade e direito de vida. Ao invés de entender a deficiência como uma condição individual que é vista como uma falha, esses estudos a entendem como uma condição da sociedade. Desta forma, Swain (2005:2) afirma que “sendo você um deficiente ou não, você está vivendo em uma sociedade descapacitante”. A sociedade hoje está deixando de considerar a deficiência a partir de um modelo médico e passando a entendê-la através de um modelo social.

Ainda é mais comum existirem projetos de dança específicos para pessoas com deficiência em ambientes institucionais do que projetos

integrados entre pessoas com e sem deficiências em ambientes comunitários e espaços socioculturais de uma forma geral. Com relação a oportunidades de formação em dança, a primeira questão a ser reconhecida é saber se qualquer pessoa com deficiência poderia participar de qualquer aula de dança disponível em estúdios e escolas de dança. Como referência, algumas escolas curriculares em Londres, como, por exemplo, *NewVic* e a universidade de *East London*, funcionam com assistentes de aprendizado (*learning support assistants*). Os assistentes de aprendizado dão apoio a alunos que estão em classes gerais ou classes que são específicas para pessoas com deficiência. Os centros de formação em dança em Londres, como *The Place* e o centro *Laban*, abrigam projetos de dança que são acessíveis a pessoas com deficiência (aulas para jovens com a companhia *Candoco* no *The Place* e *DanceAbility* no centro *Laban*, também para jovens). Esses são projetos específicos e, assim como eles, existem outros em todo o Reino Unido que contemplam somente pessoas com deficiência ou que são integrados¹. Está disponível uma gama de projetos de dança específicos, mas com menor frequência uma pessoa com deficiência participaria, por exemplo, das aulas de

1. No Reino Unido, os projetos podem ser categorizados como dança integrada ou inclusiva (dança com pessoas com e sem deficiência), educação (projetos com pessoas com deficiência que contemplam escolas ou que fazem parte do programa educacional de uma companhia), dança & deficiência (estudos e pesquisas) ou dança comunitária (projetos voltados a comunidades no intuito que estas experienciem e desenvolvam trabalhos de dança).

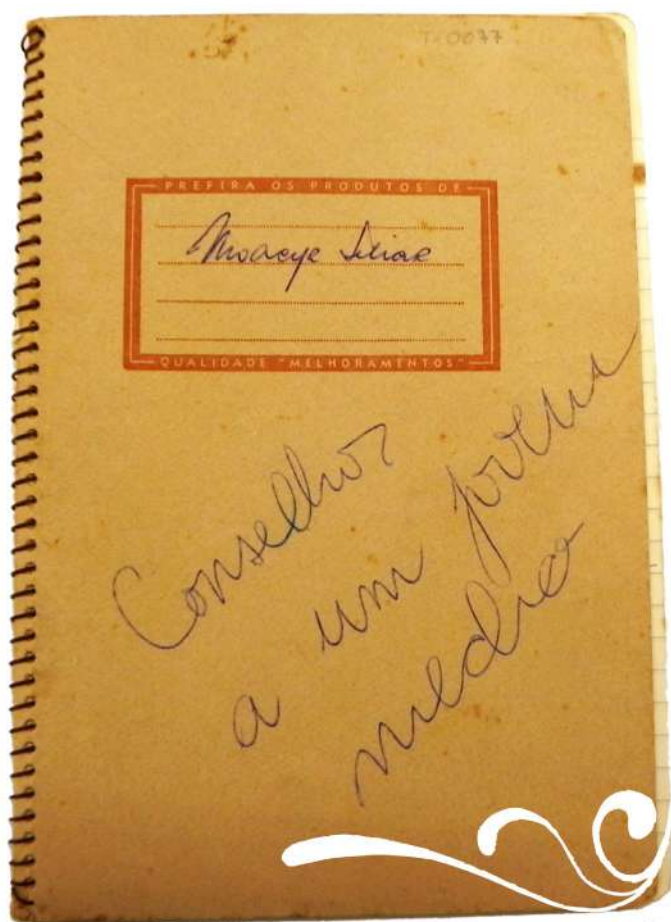


dança contemporânea profissional para adultos que acontecem em qualquer espaço de dança. Devido ao fato de que bailarinos com deficiência têm menos oportunidades de desenvolvimento em dança, aparecem discrepâncias entre estes e os bailarinos sem deficiência. Neste contexto, os bailarinos com deficiência possuem mais oportunidades para participar de projetos de dança específicos do que para participar de qualquer aula aberta de dança e de aulas profissionalizantes. As diferentes técnicas de dança são apropriadas de formas diversas a corpos diferentes e, com ou sem deficiência, cada bailarino tem sua preferência de acordo com suas características individuais. Apesar disso, ainda que esta realidade pareça distante, o acesso à dança a pessoas com deficiência deveria existir não somente com os projetos específicos de dança inclusiva/integrada, mas também com a possibilidade de participação em aulas regulares de dança e com o aumento de oportunidades de profissionalização. Outro fator que dificulta o acesso de bailarinos com deficiência a aulas abertas de dança é o fato de que, muitas vezes, a estrutura das aulas e os professores não estão preparados para receber os alunos.

Portanto, sobre a acessibilidade ao treinamento, vale discutir quais são as qualificações necessárias para que os professores de academias, escolas e universidades, etc., estejam preparados para receber alunos com deficiência em suas aulas de dança. Com a intenção de informar e treinar

professores e de elaborar questões referentes a esse assunto, foi promovido, pela UFRGS, o curso de extensão *Introdução a Práticas Corporais Integradas com Pessoas com Deficiências*, coordenado pela professora Adriane Vieira e ministrado pelos professores Carla Vendramin e Wagner Ferraz. O curso abordou (1) noções de corpo, cultura e deficiência; (2) histórico sobre o tema deficiência e as práticas inclusivas e integradas de dança; (3) estratégias para práticas corporais com grupos em diferentes técnicas; (4) elementos de um ambiente de aula acessível; (5) comunicação e relacionamento; (6) uso da linguagem e terminologia nas práticas corporais integradas/inclusivas e (7) conceito sobre o Modelo Social sobre a Deficiência.

Outra ação recentemente realizada em Porto Alegre foi o Projeto Perspectivas (com financiamento do FUMPROARTE e apoio institucional do MACRS). Com este projeto, foram feitas 11 apresentações de Perspectivas: Instalações Coreográficas com dois debates após as performances, dois *workshops* integrados de dança para pessoas de todas as habilidades e idades, e um debate sobre políticas de inclusão e participação cultural. Desta forma podemos considerar que movimentos já iniciados em outros lugares do mundo e do Brasil estão, também, acontecendo no Rio Grande do Sul, como propostas de continuidade de desdobramentos para o setor da dança com pessoas com e sem deficiência.



Peça do DELFOS – Espaço
de Documentos e Memória
Cultural/PUCRS







MARGS
STOCKINGER: Os Diversos Tempos da Forma
 Exposição homenageia os 57 anos do Margs e o artista que completaria 92 anos.
 De 18 de agosto a 15 de novembro
ALÉM FRONTEIRAS – 8ª Bienal do Mercosul
 Visão crítica e poética da paisagem do sul do Brasil e países limítrofes através do olhar múltiplo sobre o território de artistas brasileiros contemporâneos.
 Até 15 de novembro
 SEMINÁRIO DE ARTE E CULTURA
 Todas as quartas-feiras até 07 de dezembro
 Das 16 às 18 horas
 Auditório do Museu



CASA DE CULTURA MARIO QUINTANA
8ª BIENAL DO MERCOSUL – CIDADE NÃO VISTA

Um dos componentes da 8ª Bienal do Mercosul, Cidade não vista, tem um ponto de apresentação a cúpula da Casa de Cultura Mario Quintana, no 5º andar, para visitação até 15 de novembro. A artista que trabalhou no local é Valeska Soares, com a obra O Grivo.

MUSEU DO CARVÃO

UMA LUZ NO FIM DO TÚNEL

O projeto visa a restauração e organização de documentação referentes à mineração na região carbonífera.

A segunda fase, iniciada no dia 17 de setembro, além das tarefas habituais das oficinas, realiza debates, a fim de estreitar ainda mais a relação da comunidade com sua história.

Os próximos encontros serão realizados nos dias 15 e 29 de outubro, 12 e 26 de novembro e 3 de dezembro.

Mais informações: (51) 3656-1211 ou museucarvao.blogspot.com



OSPA
16 DE OUTUBRO
OSPA/UFRGS
 Maestro Manfred Schmiedt / Gratuito
18 DE OUTUBRO
22º Concerto Oficial
 Maestro Manfred Schmiedt
 Solistas: Quarteto de saxofones 4mil Emiliano Barri, Fernando Rosa, Alejandro Bidegain e Pablo Mosteirín
25 DE OUTUBRO
23º Concerto Oficial
 Maestro German Gutierrez
 Solista: Alexandre Dossin
01 DE NOVEMBRO
24º Concerto Oficial
 Maestro Leon Spierer
06 DE NOVEMBRO
 Concerto Popular
 Maestro Tiago Flores / Gratuito
08 DE NOVEMBRO
 Concerto no Interior - São Leopoldo
 Solista: Leonardo Winter / Gratuito
11 DE NOVEMBRO
 Feira do Livro / Gratuito
22 DE NOVEMBRO
25º Concerto Oficial
 Maestro Tiago Flores
 Solista: Diego Grendene
29 DE NOVEMBRO
26º Concerto Oficial
 Maestro Carlos Spierer
 Solistas: Carla Maffioletti e Juremir Vieira
06 DE DEZEMBRO
27º Concerto Oficial
 Maestro Manfred Schmiedt
 Solista: Carla Maffioletti, Eduardo Bighelini (Tenor) e Francis Padilha (Barítono)
11 DE DEZEMBRO
 Concerto Popular
 Maestro Tiago Flores / Gratuito
13 DE DEZEMBRO
 Concerto no Interior - Faxinal do Soturno / Gratuito
15 de dezembro
 Concerto no Interior - Pelotas / Gratuito
17 DE DEZEMBRO
 Concerto no Interior - Gravataí / Gratuito
18 DE DEZEMBRO
 Concerto no Interior - Encantado / Gratuito
20 DE DEZEMBRO
 Concerto de encerramento da temporada
INFORMAÇÕES: (51) 3222-7387
 OU WWW.OSPA.ORG.BR



CENTRO DE DESENVOLVIMENTO DA EXPRESSÃO – CDE

OFICINAS REGULARES

Segundas a quintas-feiras

Público: Infantojuvenil

Descrição: pintura, desenho, modelagem, criação de imagem digital e teatro sob a orientação de professores de arte e um estagiário de teatro.

OFICINAS ESPECIAIS

Segundas a sextas-feiras

Público: Adulto

Descrição: criação e execução, utilizando de diferentes linguagens e meios de expressão com a orientação especializada de artistas e professores de arte.

Informações: (51) 3233-5032



MAC

Tonico Alvares | RASTROS
29 de outubro a 04 de dezembro

DOAÇÕES MACRS 2011 | Comitê de
Acervo e Curadoria
Outubro

CONHECIMENTO É PODER | 140
Anos da Biblioteca Pública do
Estado do Rio Grande do Sul
Outubro

ORFÃO
Outubro

BORDE SUR | Artistas
Contemporâneos Uruguaios
Novembro de 2011

ACERVO MACRS | Laboratório de
Museografia e Curadoria em Arte
Contemporânea
Novembro de 2011

OI, ESTE É MEU NOME
10 de dezembro de 2011 – 26 de
fevereiro de 2012



IGTF

Semana do Funcionário Público
Mateada na Ala Sul do saguão do
CAFF
Dia 26 de outubro das 11h30min às
13h30min

21ª Semana da Consciência Negra
de Porto Alegre e Ano Internacional
Afrodescendente
Atividades culturais
De 14 a 20 de novembro
INFORMAÇÕES: (51) 3228-1711 ou
(51) 32281764
www.igtf.rs.gov.br

MUSEU JULIO DE CASTILHOS NOVEMBRO 2011

05 de novembro - 14h às 18h
Dia Nacional da Cultura
Atividades durante toda tarde, entre elas
leituras dramáticas, música e teatro.

CINECLUBE MUSEU JULIO DE CASTILHOS

Filme: Mokoí Tekoá Peti Jeguatá - Duas
Aldeias, Uma Caminhada.

Gratuito

ABERTURA DA EXPOSIÇÃO

Atualidades e Memórias ao Sul da Mata
Atlântica
Gratuito



MUSEU DA COMUNICAÇÃO HIPÓLIO JOSÉ DA COSTA

CICLO DE CINEMA

CINEMA E HISTÓRIA: A IDADE MÉDIA NO CINEMA

Filmes seguidos de comentários de
historiadores.

Até o dia 10 de março de 2012, às terças-
feiras e aos sábados

CINEMA E HISTÓRIA: PROBLEMAS CONTEMPORÂNEOS

Filmes seguidos de comentários de alunos,
professores e convidados especiais, com
entrada franca

OFICINA

OFICINA DE ROTEIRO

Aulas teóricas e práticas de redação de
roteiro para curta e longa-metragem, em
sete encontros

São duas turmas distintas:

De 15 de outubro até 26 de novembro aos
sábados

De 26 outubro até 14 de dezembro às
quartas-feiras

EXPOSIÇÃO

50 ANOS DO MOVIMENTO DA LEGALIDADE
(1961-2011):

ACERVOS DA SECRETARIA DA CULTURA

Até 18 de novembro, de terça-feira à sexta-
feira, com entrada franca

EXPOSIÇÕES PRÊMIO IEAVI

PERÍODO: 27 DE OUTUBRO A 27 DE NOVEMBRO DE
2011

Exposição: "Objeto de Fixação"

Artista: BonGiovanni

Local: Galeria Augusto Meyer, 3º andar da CCMQ.

Exposição: "Fazer um livro"

Artista: Vitor Butkus e Mayara Martins Redin

Local: Espaço Mauricio Roseblatt, 3º andar da CCMQ.

Exposição: "Subversões do tempo"

Artista: Neca Sparta

Local: Fotogaleria Virgílio Calegari, 7º andar da CCMQ.

PERÍODO: 08 DE DEZEMBRO DE 2011 A 15 DE JANEIRO
DE 2012

Exposição: Sem título, desenhos

Artista: Felipe Caldas

Local: Galeria Augusto Meyer, 3º andar da CCMQ.

Exposição: "Manter-se ocupado é perda de tempo"

Artista: Mailson Fantinel e Amanda Teixeira de
Rezende

Local: Espaço Mauricio Roseblatt, 3º andar da CCMQ.

Exposição: "O corpo que virou coisa"

Artista: Raquel Martinuzzi Buriol

Local: Fotogaleria Virgílio Calegari, 7º andar da CCMQ.

OFICINA DE ARTE SAPATO FLORIDO

PÚBLICO: INFANTOJUVENIL

Escolinha de Artes

Todas as quartas e sextas-feiras até 30 de novembro
de 2011

Descrição: Oficina de arte multidisciplinar, envolvendo
desenho, pintura, cerâmica, colagem, etc..

Oficina de artes portas abertas

Todas as quintas-feiras até 24 de novembro de 2011

Descrição: Oficina de arte multidisciplinar, envolvendo
desenho, pintura, cerâmica, colagem, etc..

Gratuito

Oficina Teatrando na Sapato Florido

Todas as quintas-feiras até 25 de novembro de 2011.

Descrição: a oficina é uma oportunidade para criar
laços afetivos, estimular a coordenação motora,
a atenção e o conhecimento de si e do outro. Um
momento de expansão do corpo, do intelecto e da
mente. De maneira lúdica, através de exercícios e jogos
cênicos, a criança potencializa suas relações com os
outros e com o meio.

PÚBLICO: JOVEM/ADULTO

Oficina de Papel Machê

Todas as terças-feiras até 29 de novembro de 2011

Descrição: uma oficina de caráter prático; em três
meses o aluno sai com habilidade de confeccionar
diversos objetos e iniciado na criação de uma linguagem
artística própria, dentro da técnica do papel machê.

Oficina de Canto e Coral

Todas as terças-feiras até 29 de novembro de 2011

Descrição: a oficina é voltada para o público em geral,
com prática de técnicas vocais: respiração, dicção,
emissão, afinação e intensidade e exercício para o
diafragma.

Oficina de Bonecos

Todas as quartas-feiras até 30 de novembro de 2011

Descrição: oficina para criação de bonecos com diversos
materiais e técnicas de biscuit para rostos, mãos e pés.

Mais informações: (51) 3216-9913 ou www.ccmq.com.br

*Autor vencedor do Prêmio Nacional de Contos Josué Guimarães/2011,
promovido pela Universidade de Passo Fundo e Instituto Estadual do Livro.*

A INVASÃO BÁRBARA EM PARIS

JOÃO GOULART DE SOUZA GOMES

Os gauleses jamais poderiam imaginar que algo semelhante aconteceria de novo à nossa querida Paris. Nunca tivemos a importância política e econômica de Lugdunum, mas o que interessa é que qualquer cidade onde tenhamos o umbigo enterrado, por mais insignificante que seja, será eternamente o nosso lar, o nosso burgo. Eu ainda era muito jovem, não um velho sem dentes, careca e indigente como hoje sou, catando restos de comida das feiras populares, fazendo escambo de qualquer coisa, acometido pela desgraça, doente e sem herdeiros.

Era uma manhã do outono do ano de 845. Tênuê neblina recobria os telhados da cidade e pairava sobre o rio Sena. De repente, do meio da névoa, eles surgiram com seus pequenos e velozes barcos, emoldurados com cabeças de seres mitológicos na proa. Eram dezenas de embarcações. Na primeira delas, empunhando seu escudo redondo e a longa espada, estava Sverker, o Cruel, comandante da esquadra. Com seus capacetes pontiagudos e uma vontade enlouquecedora de guerrear, invadiram a cidade, em nome de Odin. O império Carolíngio não sabia o que fazer. Na Borgonha, na Aquitânia, na Provença Bretanha, em Verdun, em Lotaríngia, nem no Loire jamais se ouvira falar de algo semelhante. Sentimos saudades do velho Império Romano, de instituições políticas sólidas. Com eles, esses bárbaros não teriam coragem de ser tão ousados!

Durante uma semana saquearam nossas casas, roubaram qualquer coisa que tivesse algum valor, violentaram nossas mulheres e filhas, mataram nossos bravos jovens. Sucumbido em sua própria covardia, o rei Carlos, o Calvo, decidiu negociar a rendição. Ofereceu uma grande quantidade de moedas de ouro, joias em esmalte *cloisonné*, peças de cristal lapidado e armas com punhos incrustados de pedras preciosas, para que os vikings fossem embora. Então, eles partiram carregados de despojos, levando ainda dezenas de prisioneiros. Ao longo de seu caminho de volta, saquearam, pilharam e incendiaram várias cidades costeiras. Para eles, o momento da morte em batalha é sublime. São de uma grosseria brutal, embriagam-se por mero prazer, empanturram-se até vomitar.

Quinze anos se passaram. Então, eu trabalhava como ajudante nas vinhas do velho Jean. Carregávamos cestos e mais cestos de uvas, dos

vinhedos para o esmagamento, todos os dias, do nascer do sol ao anoitecer. Lado a lado comigo, sempre estava Pierre, meu bom amigo. Eu tinha então, 24 anos e ele, 21. Pierre era uma bela figura, um jovem de cabelos louros e olhos azuis. Não foi difícil que a linda Marie, filha de Jean, se apaixonasse por ele. Encontravam-se furtivamente, às escondidas, sempre no início da noite, entre os arvoredos, fugindo dos olhos do irascível pai. Com certeza não era aquele o futuro que o velho vinicultor desejava para sua filha. A ela estaria reservado melhor destino: desposar um rico comerciante ou, quem sabe, um dos pequenos nobres da corte.

Contudo, em uma cidade tão pequena, um segredo destes não poderia estar guardado para sempre. As paredes têm ouvidos e a feira é um local onde tudo se diz e tudo se sabe. Logo todos comentavam os furtivos encontros dos dois jovens amantes e tal informação não tardou em chegar aos ouvidos de Jean.

Então, naquela manhã de verão do ano de 860, quatro homens arrastaram o jovem Pierre até as margens do Sena e espancaram-no impiedosamente. A população, assustada, não esboçou a menor intenção de reagir à infame agressão. Sempre se acreditou que a honra só pode ser lavada com sangue. Eu estava a cerca de dois quilômetros dali, e mesmo sabendo que pouco poderia fazer por meu amigo, lancei-me em desenfreada corrida, com o intuito de tentar, de alguma forma, ajudá-lo.

Foi quando, do alto de uma pequena colina, eu os vi. Os vikings estavam de volta. Quinze anos depois, Erik, filho de Sverker, que em tudo queria superar o pai, comandou um novo ataque. Após o combate anterior, havíamos construído sebes e praças de guerra, fortificações feitas de árvores e espinheiros entrelaçados. Muitas casas eram cercadas com paliçadas. O providencial alvoroço

que tomou conta da cidade foi o que impediu Pierre de ser surrado até a morte. Abandonaram-no ali mesmo, entre a vida e a morte, esperando que os vikings terminassem o serviço que começaram.

Durante várias semanas resistimos a três ataques, até que os vikings pareceram se dar por satisfeitos com a destruição que provocaram e partiram. Pierre nunca mais foi visto. Todos acreditaram que seu corpo estava entre os de centenas de jovens mortos lançados ao rio. A pequena Marie, contra a sua vontade, seis meses depois foi obrigada a casar-se com um ilustre senescal, vinte anos mais velho que ela. Foi à época em que as pontes sobre o Sena começaram a ser construídas, como uma forma de retardar as invasões bárbaras. Criaram até uma cavalaria, sempre preparada a nos defender.

Passaram-se quarenta anos desde a primeira invasão. Agora, em 885, eles estão de volta. Dizem que chegam com 700 barcos e quase 30.000 homens. Esta película branca sobre os meus olhos me impede de ver tão bem quanto antes, já não consigo enxergar nada com precisão. Mas as notícias correm rápidas nesta sociedade tão moderna. Comenta-se que dessa vez eles estão ainda mais furiosos e que ao lado do comandante Olaf, o Ruivo, está um inteligente jovem de olhos azuis e cabelos louros, que chamam de Piotr, o Renegado. Dizem que tudo o que ele quer é aplacar a sua sede de vingança e sequestrar uma jovem senhora viúva chamada Marie. Que Deus atenuie a sua ira!

POEMA 23

DO LIVRO INÉDITO *FRAGMENTOS E RESÍDUOS*

MARIA CARPI

Eu agradeço tudo o que não tive.
Tudo o que não tive não precisa
ser perdido ou apagado. Ninguém
me arrancará dos braços o que não

abraçei. A ferrugem estanca a gula
na borda desse nada a perder.
E mais agradeço o que necessitei
e não tive. O que pedi e implorei,

e não tive. O peso imaterial, pesado
de carregar ou de engavetar, do que
não tive. A constelação longínqua
a um palmo do desejo de não tê-la.

Igual ao olvido de haver nascido
e escrever. O tumulto das luzes
nas altas ervas da cama. O que
a tinta não raptou com a escrita.

DOUTRINA DOS CICLOS

LEILA DE SOUZA TEIXEIRA

O painel eletrônico mostra a data e o horário em algarismos vermelhos. Tudo ocorre quase como o planejado.guardo o momento certo. Os dígitos alteram-se. Fotografo. Verifico o visor da pequena câmera digital antes de atravessar o lobby e pegar o elevador para o sétimo andar. A imagem está nítida. Primeiro de março. Treze horas e treze minutos. Entro no quarto 709. Pego papel e caneta. Escrevo sobre o que passou.

O despertador toca às sete. Estico o braço para desligá-lo, enquanto a dor acorda dentro da alma, de forma súbita e violenta, sem me conceder um segundo de trégua. Levanto, abro a persiana e começo a arrumar a pequena mochila de pano que levarei comigo: Villa Matas, Sylvia Plath, Ana Cristina César, Florbela Espanca, Borges, a última fotografia de minha mãe. Por trás das grades da janela do meu quarto, a manhã não se importa com o que eu sinto e exhibe seu mais impecável céu azul.

Entro no elevador e dou graças a Deus que está vazio. O nove transforma-se em oito. Para de descer, a porta abre. A moça do apartamento embaixo do meu entra, não diz “bom dia”, nem palavra alguma e me dá as costas. Sinto uma tristeza profunda. Ela parece ser uma pessoa legal. Eu poderia cutucar o ombro dela e dizer “olá, bom dia, moro aqui desde que nasci, você chegou há cinco anos, não? minha mãe morava comigo, mas ela morreu, moro com meus dois gatos, e você? nosso apartamento é o que tem grades na janela, bem em cima do seu”, mas a porta abre, e a vizinha sai. Os sapatos de salto sobre o corredor de granito emitem um som, entre agudo e agônico. Saio também e, enquanto arrasto meus pés pelo hall, percebo que, desde criança, a indiferença tem o dom de aumentar minha solidão.

Ando duas ou três quadras para longe de casa. Paro na esquina da qual posso enxergar o prédio onde minha mãe estava. O tempo

para ao meu lado. Embora tenham transcorrido 18 anos, embora até as pastilhas azuis de que o edifício era coberto tenham sido trocadas, nesta esquina não há passado, nem futuro. É sempre o sábado de manhã no qual minha mãe me deixou. Continuo a subida da Alameda Pamplona. As horas acompanham meus passos lentos.

Chego, e os relógios na parede atrás do balcão marcam 9:16 São Paulo, 12:16 Londres, 9:16 Tóquio, 7:16 Nova Iorque. A recepcionista repete algo que não entendi direito antes, porque estava olhando para os horários, e que não entendo agora, pois estou tentando ler o nome dela no crachá. Tamires. Pela primeira vez, a encaro, peço desculpas pela distração e solicito um quarto, de qualquer categoria, para uma noite, desde que seja no sétimo andar. Ela sorri e pergunta se é superstição. Respondo de maneira seca que sim. Ela sorri, desta vez, embaraçada, desvia o olhar para a tela do computador, diz que vai ver o que pode fazer e começa a movimentar o mouse, de um lado para o outro, em cima de um mousepad com o brasão do hotel. Arrependo-me de ter falado de modo tão rude. Tamires parece ser uma pessoa legal. Poderia contar a ela que minha mãe me deixou muitas coisas, e que uma das principais é a mania de prestar atenção nos números, de brincar com eles. Nada de numerologia ou cabala, mas o contrário: a crença de que não são os números que determinam a nossa vida, mas de que somos nós que determinamos os números na nossa vida. Poderia explicar que não se trata de superstição, e, sim, de controle. Entretanto, ela não entenderia. Como ninguém nunca conseguiu entender. Retorna à minha frente, fala que encontrou um *double bed* e aponta para o valor na tabela de preços acima do computador. Informa que, se eu optar por fazer *check in* a esta hora, pagarei duas diárias. Sorrio e entrego meu cartão de crédito. Ela dá, em troca, uma ficha para preenchimento. Meu coração dispara, e tenho dificuldades em firmar a mão para escrever. Eu choraria agora. Porém, digo apenas, com uma voz que quase não sai: muito obrigada, Tamires.

Coloco a chave magnética no interruptor. As luzes acendem. As cortinas com losangos estão fechadas. Tranco a porta e inicio a organização. Na escrivaninha, em frente à janela, há caneta e papel fornecidos pelo hotel. Retiro da mochila os livros que trouxe. Arrumo um por um sobre o criado-mudo. Sento na cama. Estou sozinha, com livros. A única diferença do resto dos meus dias é que

o quarto não é meu. Em uma tarde de dezembro, estava como estou agora, porém os livros eram infanto-juvenis. Minha avó apareceu acompanhada de um homem. Ela nunca tinha nos visitado antes. Passou a mão sobre a minha cabeça e disse que precisavam medir as aberturas. Mediram e foram embora. À noite, quando minha mãe chegou, perguntei o que estavam fazendo no nosso apartamento. Não obtive resposta. Dali a onze dias, minha avó surgiu, de novo, com outros três homens, que instalaram grades em todas as janelas. Demorei muitos anos para associar as grades de dezembro à morte de minha mãe no primeiro de março seguinte. O som do lembrete do celular me traz de volta ao hotel. Preciso continuar o planejado. Levanto e saio.

O elevador panorâmico desce. Recebo uma mensagem da editora. “Os convites estão prontos”. Não tenho quem convidar para o lançamento. Escrevi um livro chamado “Em que coincidentemente se reincide”, com treze contos. O editor mudou o título para “Corte Seco”, porque o nome que eu queria não era adequado do ponto de vista comercial, e cortou dois contos, pois achou que não estavam bons. Eu concordei com ele, mas expliquei no posfácio que a essência do livro girava em torno das coincidências que reincidiam: acredito com sinceridade que todas as coisas se repetem. Sobre os dois contos, apesar de o número treze ser significativo para mim, não me importo mais. Há coisas na vida sobre as quais não temos controle. Há outras, sobre as quais temos.

Deixo o hotel pela Alameda Campinas. Transito entre pessoas que não me enxergam. Qualquer sofrimento é invisível, mas o meu é tanto, que, em breve, desaparecerei.

Entro no salão de beleza da Alameda Santos. Aviso uma moça de uniforme preto que tenho hora marcada com o Joce. Ela pede que eu espere e oferece algumas revistas de celebridades. Todas as manchetes são sobre a atriz que cometeu suicídio. Recuso, agradeço e mostro que trago um livro. Sento em uma poltrona, no canto mais isolado do lugar. Leio em Borges sobre a doutrina dos ciclos atribuída à Nietzsche. O número de todos os átomos que compõem o mundo é finito e, enquanto tal, capaz somente de um número finito de combinações. Em um tempo infinito, o número das permutações possíveis será atingido, e o universo se verá obrigado a repetir-se. Agora leio o pensamento de Platão apresentado por

Borges, a respeito do que o argentino chama de eterno retorno. Os sete planetas, equilibradas suas diversas velocidades, retornarão ao ponto inicial de partida. Esta revolução constitui o ano platônico, no fim do qual renascerão os mesmos indivíduos, para cumprir o mesmo destino. Nada há, hoje, que não tenha sido. Fecho meu Borges, após ler sobre a concepção dos ciclos como similares, mas não idênticos. Joce me chama para a cadeira. Gosto dele porque nunca puxa assunto. Tiro de dentro do livro a foto da minha mãe, mostro e digo que quero um corte igual.

A costureira abre a porta do pequeno apartamento, e pergunto se o vestido está pronto. Pede que eu a siga, para experimentá-lo. Através da janela do quarto em que entramos, vejo Higienópolis. Minha avó morava sozinha em uma grande casa em Higienópolis. Durante a semana, recebia os estudantes, para aulas particulares de matemática. Íamos visitá-la aos sábados, mas ela não nos dava muita atenção. Uma vez perguntei para minha mãe por que vovó nós tratava daquele jeito. Respondeu que eu tinha que ser compreensiva, porque a pobre vovó, quando era criança, havia sido muito maltratada pela minha bisavó. Acrescentou que eu devia entender que a pobre vovó não sabia dar carinho, porque jamais recebera. Não compreendi bem a situação, afinal minha mãe não recebia carinho da mãe dela, e nem por isso deixava de ser carinhosa. Minha mãe me dava muito carinho. Nunca entendi por que ela subitamente me deixou. Olho no espelho e digo que o vestido ficou perfeito. A costureira acha que está sobrando muito dos lados e briga comigo por eu ter emagrecido tanto desde a última prova. Respondo que não consigo mais comer e reafirmo que o vestido ficou da maneira exata como eu queria. O tecido não é o mesmo, mas o modelo é idêntico ao da fotografia que carrego no livro. Pago o que devo, coloco dentro da bolsa a calça e a blusa que usava antes. Saio pronta, com o vestido.

Duas senhoras entram no elevador e conversam sobre a atriz que se matou. Na época em que minha mãe morreu, não publicavam matérias sobre suicídios nos jornais. Diziam que a notícia de um gerava vários outros. Sempre me pergunto se o suicídio é contagiante, por ser a vida insuportável para todo mundo.

Caminho em sentido ao hotel pela Paulista e cruzo por um moço ruivo com a Golden Gate estampada na camiseta. Em frente à estação

MASP-Trianon, um adolescente usa suspensórios verdes e segura a mão de uma pequena menina de chapéu cor-de-rosa. Em Nietzsche ou em Platão, já caminhei no mesmo sentido pela Paulista, cruzei pelas mesmas pessoas pelas quais cruzo agora, olhei nos olhos da mesma moça, que passa com um pequeno vaso de girassol nos braços e que me olha nos olhos como se tivesse reconhecido, em mim, alguém. Concluo que aceito melhor a terceira teoria apresentada por Borges: a de que a vida é cíclica, e os ciclos são similares, mas não são idênticos. Adapto o pensamento à nossa vida, porém, de maneira muito mais singela. Aplico-o em períodos bem mais curtos. A vida é cíclica. Minha bisavó negou minha avó. Minha avó rejeitou minha mãe. Minha mãe me abandonou. Os ciclos são similares, mas não idênticos. Não tive filhos, elas tiveram. Elas não escreveram um livro, eu escrevi. Entretanto, no fim, fomos todas iguais.

O painel eletrônico mostra a data e o horário em algarismos vermelhos. Tudo ocorre quase como o planejado.guardo o momento certo. Os dígitos alteram-se. Fotografo. Verifico o visor da pequena câmera digital antes de atravessar o lobby e pegar o elevador para o sétimo andar. A imagem está nítida. Primeiro de março. Treze horas e treze minutos. Entro no 709. Começo a escrever sobre o dia. Começo a rever a vida.

Abro a cortina estampada com losangos. Vejo a Bela Vista, à esquerda, o início do Paraíso, à direita. Sento diante da janela, na cama, e tiro os sapatos. Esfrego a dor dos meus pés contra o carpete. Pego a fotografia de dentro do livro e comparo-a com meu reflexo no vidro. Minha mãe, no dia 01.03, do sétimo andar do apartamento de um rapaz qualquer, jogou-se para um abismo menor que o abismo que carregava em si. Há 18 anos, escolheu um 01.03, no qual ela tinha 31, e eu 13. Às vezes fico pensando se ela planejou todas essas combinações, ou se fui eu que busquei a coincidência como um alento, como uma forma de explicar o inexplicável ciclo, no qual se repetem, eternamente, abandonos, amarguras e decepções. Qualquer que seja a resposta, hoje é primeiro de março, estou no sétimo andar e tenho trinta e um anos.

Leila de Souza Teixeira integra as antologias *Outras Mulheres* (Dublinense, 2010) e *Inventário das Delicadezas* (Nova Prova, 2007). Em 2006, venceu o concurso Osman Lins/Prefeitura de Recife.

• ORIGINALS
poesia

PAISAGEM PARA PAVESE

ESCOBAR NOGUEIRA

“Calar é a virtude da gente.”
Cesare Pavese

O sol ministra sua palestra
e o mandiocal faz ioga.
As casas, misantropas,
acasalam com a soja
e, silenciosa como uma espiga,
granula uma vila.

Os agricultores escrevem na terra.
Os arabescos da natureza
e a geometria das lavouras
bordam na cartografia
o dorso de um tapete persa.

A paisagem pensa.
Pastoras de si mesmas,
pastam, campeiras, as emas.
Os patos, na paz da lagoa,
praticam seu budismo de boias
e a garça, na margem de lama,
deixa sua pena e seu ideograma.

A paisagem pena.
No altar da coxilha,
o evangelho do vento
converte os eucaliptos,
e o tempo destelha,
e as formigas colonizam
a antiga casa dos italianos.

A paisagem cansa.
A noite se mija
e a lua principia sua aula
na lousa da aldeia.
Sou aquele homem
que se recolhe com as ovelhas.

BANHO

DANIELA LANGER

Estás sentada e eu te ensaboo, escorro água e espuma por teus braços ressequidos. Tu me olhas com a boca entreaberta de lábios murchos. Sinto-me tão nua quanto tu, quando perguntas a que horas vamos para casa. Respondo aos azulejos que iremos logo, assim que ficares mais forte.

Gorgulhas que farás pão-de-mel, meus preferidos, quando retomares a cozinha que sempre fora tão tua. Tomo tua mão entre as minhas, a massagear os dedos inchados. Tua cabeça pende para frente, depois volta ao eixo para mais uma vez pender, fazendo-me antever os sonhos profundos dos remédios.

O banheiro recende a sabonete, iodo e cansaço. Reencontro no aroma doce, baunilha, as tardes em teu jardim, a provar pétalas de margaridas antes de servi-las às bonecas. Com as mãos em concha, deixo a água escorrer pelos teus cabelos, e junto com ela se vão os carros na avenida, as pessoas a esperar o sinal verde, e outras a se amontoar nos ônibus das seis da tarde, os cachorros de rua, e os gatos que sempre detestaste e que não mais cruzarão teu caminho. Já tem o odor do mofo, as agulhas e os romãs de tua cesta de tricô. E as palavras-cruzadas esquecidas no sofá, desde a tarde em que te trouxe para o hospital, sofrerão sempre do mesmo enigma.

Vó? Chamo por ti, a fechar o chuveiro e encerrar as lembranças. Vó, acorda, vou te secar. Envolver-te na toalha, esfrego tuas costas quase ocas, com o mesmo cuidado com que me deste o primeiro banho. Com teu corpo junto ao meu, caminhamos para o leito.

Estás deitada e eu ao teu lado. Viras a cabeça para a janela, depois para o teto, e de novo para a janela, sem consciência, pois teus olhos são lunetas em uma noite nublada. E enquanto eu te olho e tu não me olhas, murmuro para além de mim, que morras logo e te ausentes de vez desse mundo que não cabe mais em ti.

Daniela Langer é autora de *No inferno é sempre assim e outras histórias longe do céu* (Dublinense, 2011).

ALEPH

MARCELO SPALDING

A ela foi permitido folhear o livro da vida, decifrar dissabores e complexidades, entender razões e segredos, penetrar ventre e alma, compreender cada página, sílaba, entrelinha, até que não fosse mais possível voltar.

PRIMEIRA LIÇÃO DE AMOR

LEONARDO BRASILIENSE

Li o poema.

– Que bonito – a menina disse.

– Fiz pra ti.

– Duvido.

Está certa: escrevi para minha esposa, há quinze anos.

Toca o celular. Ela atende e tenta despachar a ligação. Eu não tenho pressa. Ela está sem sutiã e adoro ficar olhando. Depois que eu arrancar a calcinha, vou contar que sou casado.

– Era o Carlos Humberto, um guri da minha turma.

– Ele gosta de ti?

– Como é que você sabe?

– Dessas coisas eu entendo.

– Dessas coisas o quê?

– Do amor.

Também já fui garoto e me apaixonei por uma menina da minha idade. Também fui trocado por um cara mais velho. É disso que as meninas gostam, de homem experiente, sensível.

É a vida, Carlos Humberto.

NO CEMITÉRIO

ANA MELLO

Em pé no túmulo dele pensava:
Passou a vida pisando em mim.



POEMA INÉDITO DE
JOÃO ANGELO SALVADORI

quero muito ensinar coisas novas
a meu pai

seguro-o pela mão
ele meu filho
e vou discursando sobre coisas que sei
lugares que conheci
explico o funcionamento de coisas delicadas
e de algumas asperezas que aprendi
abarco o horizonte todo
com um único gesto
do braço que me resta livre

mas não dá muito certo
ele não me ouve
insiste em ser meu pai
eu então me calo
me junto ao seu silêncio
sigo agarrado em sua mão
até o final da rua



:VOX



Faça como quem vive entre páginas de livros: dê valor à literatura gaúcha.

O IEL – Instituto Estadual do Livro – trabalha para fazer do nosso Estado um lugar com mais e melhores leitores. Associe-se: descubra como você ou a sua empresa podem colaborar. Você vai ver que, entre outras coisas, é possível incentivar a leitura doando apenas 50 reais. Todo o Rio Grande agradece. E os amigos do IEL também.

☎ (51) 3311.7311 🌐 ielrs.blogspot.com 📧 @IELRS 📄 www.facebook.com/ielrs2



ASSOCIAÇÃO LÍGIA AVERBUCK
SEJA AMIGO DO IEL.



Instituto
Estadual
do Livro

Secretaria da Cultura



Rio
Grande
do Sul
Governo do Estado